

Um dia, alguns meses antes de deixar para sempre deserta a cadeira das conversas domingueiras, no nosso gabinete de estudo, onde tracejamos estas linhas, Simões Dias, a quem rememorávamos as palavras da espirituosa dama, balanceava a cabeça, e, num tom amargurado, comentava:

— Sim, sim! O juízo dessa boníssima creatura orça pelas altitudes romanêscas de todos os que tiveram uma mocidade ilusória muito sombreada poeticamente dos fumos da glória. Sim, sim! Quem me dera a mim nesses bons tempos! Que levem o diabo todas as grandezas de além-túmulo! Os grandes mártires das letras e das sciências, que padeceram fomes, injustiças dos homens e da sorte, cárceres, naufrágios, perseguições e inclemências de todo o género, que aproveitaram com a tal glória, que lhes floriu na sepultura? Histórias da vida, que nada valem além da morte, meu amigo! fraquezas da humana patetice!

— Tu acabaste de lêr Schopenhauer, ou descoroções da vida...

— Eu sei lá se este enôjo, que voto á humanidade, é descoroçoamento, ou o simples golfar da experiência? Quanto á glória, temos conversado desde que é inutil aos vivos. Pergunta á fome de Camões e de Homero, á estroinice mal guiada do Bocage, ao cárcere do Tasso e do Garção, ao infortúnio de Bernardim, á penúria e destêrro do Filinto, á fogueira inquisitorial do Antonio Silva e á desgraça de tantos homens ilustres — de que lhes serviu, em vida, a tão apregoada glória, que não passa de um sonho de loucos?!

— Homem, o prazer do estudo já é refrigerio a desgostos...

— Bem sei. Está nisso o único privilégio do escritor mal aventurado. Os alarves, que compõem a maioria da humanidade, nove partes em dez, desconhecem a absorção regeneradora, o alheamento de

leitôso do estudo, a que já nos temos referido, por vêzes, em nossas palestras.

Apesar da nossa aparente contradita, destinada mais a provocar discussão do que a extractar a verdade do nosso sentir, comungávamos nas idéas do poeta das *Peninsulares* e nosso desditoso amigo, a quem sobravam acerbos desgostos.

A glória, se não é essencialmente uma doirada ficção, rara vêz ou nunca serve de anteparo ao infortúnio dos alumiados das letras, daquêles, bem entendido, que podem deixar atrás de si um nome apregoado e bemquisto.

Pelicanos de estranha espécie, fustigados pelos baldões da sorte e pela injúria ou indiferença dos seus contemporâneos, esfacelam-se, desfazem-se do corpo e alma, pára recrear ou alimentar o espírito das gerações futuras.

E não brilham ahi por inteiro os tão falados esplendôres da glória? não se torna imorredouro, por isso, o nome afamado do escritôr, que o futuro distinguiu, e aclamou?

E de que vale tudo isso á vida do que se fanou desditoso, quando essa vida não pertenceu ao martiriolôgio do christianismo, ou ao simples ascetismo, que se afervora e crê ganhar a ventura celeste, aonde irão brilhar espírito e corpo?

E' óbvia e desoladora a resposta positiva.

Entretanto, se a oblação, que levamos até ao sepulcro dos mortos, as flôres, que lhe lançamos sobre a pedra fria, e o chamamento, com que os invocamos, nos parecem fazer-lhes bem e consolá-os, evocando-os por momentos á vida — com muito mais razão ainda, devemos pensar em que os ossos dos homens ilustres se hão-de entrechocar no túmulo, quente e vivificadamente, quando as suas obras escritas se reeditam, e passam de mão em mão, através dos tempos e das gerações, que se sucedem.

O bom escritôr pois, como o sentia a dama, que nos deu aso ás primeiras linhas dêste esbôço, e segundo a opinião de tôdos os amantes da glória, não morre nunca.

II

Castilho e a bôa linguagem

Simões Dias, que era um idealista, que, ainda afflicto ou pezarôso, ao reclinar a cabeça no travesseiro, em busca de repouso, engolfava o pensamento em visualidades amenas, que muitas vêzes lhe aligeiravam a mágua, e sempre lhe precediam o somno, como nos confessava, cotado pela craveira dos que muito sentiram, e souberam, conquistando sólido renome, Simões Dias não se extinguiu; vive e viverá nos seus livros.

Realizar-se-á o que êle pedia nas *Peninsulares* á sua musa, a meio da invocação, com que abre o rico erário dos seus versos de oiro.

« Há-de morrer o sol, finir-se a lua,
O vento emudecêr, secar o Oceano,
Sumir-se o glôbo, e evaporar-se a vida,
E tu, archanjo, realidade ou sonho,
Meu sêr transportarás a novos mundos,
Roubando assim minha existencia ao nada.

A frandulagem de um jornalismo ignaro e petulante, que escoucea a tradição linguística dos nossos maiores, de braço dado com escritôres de medianos escrúpulos, realistas pornográficos, que adulteram costumes e linguagem, gongorizando o estilo e mascarando o dizêr com estrangeirismos desnecessários; o ganhar reputação e dinheiro no livro e no teatro, com a exposição de quadros, tirados ás alfurjas do vício, e a enxurrada de publicações, que alardeam novas

escolas e agremiações — não hão-de matar, embora as obscureçam por instantes, as bôas lêtras pátrias.

Tôdas as seitas têm adeptos; e a de bem escrevêr e a de prezar quem bem escrêva hão-de perdurar, emquanto houver purismo e bom gôsto.

Já temos ouvido a muito bôa gente que o livro, o teatro e o jornalismo pouca influência exercem nos costumes de um país.

Nada há de mais falso do que esta leviana asseveração.

Castilho, o maior, mais verbôso e correcto escritôr da nossa lingua, nos tempos modernos, a quem o seверо Camillo, como grandíssimo sabedôr do género, classificou pontífice da prosa, cinzeladôr linguístico, que deixou atrás de si arcaes de riquêzas filológicas, Castilho, apesar da sua época sêr melhor que a nossa, já se queixava fortemente contra a influência nefasta dos jornaes e dos maus escrevedôres.

Ouçamol-o, por um pouco:

« Nesta era, em que é cabal o esquecimento dos nossos bons livros pários, forçoso o uso dos estrangeiros, generalíssima a conversação do idioma, que mais tem contaminado o nosso, sem limites o despejo, com que os mais néscios traduzem, compõem e imprimem, espantosa a torrente de deslavadas sensaborias causadas de uma chuva miuda de periódicos, a qual nêste reino vae acabando de assolar costumes, amôr á verdade, esperanças do bem, juizo e gôsto seguro, e a formosa, a formosíssima lingua portugûesa; nesta era, emfim, que a história tem de signalar com ferrête de presumpçosa e estúpida, em consciencia, devíamos nós, os poucos que ainda sômos portugûeses, pôr peito a por todos os modos salvar tal lingua do naufrágio.

« Já hõje o estrangeiro, que pelas obras de nossos antigos a houver aprendido, não a poderá ouvir, entrando por nossas cidades e vilas; só lá pelos recônditos fraguêdes de alguma serra do norte, debaixo

dos tectos de còlmo de alguma aldêa sem nome, a irá tarde desencantar».¹

Parece um quadro, pintado ainda hontem.

E bom é arrimarmo-nos a semelhante esteio bracejante e robusto, pãra que se nos não atribuam despeitos ou rabugices de temperamento biliôso.

Continuemos por instantes:

«As traduções da lingua francêsa, a que, pouco há, atribuí parte da culpa no estrago do nosso idioma e pelo demais têm sido feitas por ignorantes movidos pela cubiça do lucro, por duas vias damnarão a sincera e nativa purêza da nossa lingua: já cobrindo-a com o voraz e feio musgo de estranhos vocábulos e frases, já principalmente quebrando-lhe o estilo próprio, a interiôr contextura, e desgastando-lhe, sem o cuidarem, a vida e espírito semi-romano, com que tão fera e poderosa andou sempre entre as de Europa».²

Vejamos agora o que o grande mestre, em corroboração ao nosso modo de sentir, nos expõe sôbre a influência, exercida por determinados romances e teatro, ao falar das *Metamorfoses* de Ovidio:

«Se procuram em Ovidio essas profundíssimas paixões dos dramas cirúrgicos e novelas anatómicas, com que por ahí se remoça tanto velho, e, o que alguma cousa peor é, se envelhece tanto rapaz, em balde procurarão; não as há nêle, porque ainda, em seu tempo não era inventada a sublime arte de estendêr o ânimo do leitôr sôbre uma ideia, como sôbre um pôtro de martírio; dar-lhe tratos e queimal-o a fôgo lento.

.....
 «Em cada família, evangelizada pelos romances e convertida á fé da incredulidade, tôdas as prisões, afóra as dos interesses corporaes e immediatos, se desata-

¹ *Noite do Castello* — Confissão de Amelia.

² *Ibidem*.

ram: os filhos não acreditam na probidade dos pais, na virtude das mãis; as mulheres na dignidade dos maridos; os esposos na fidelidade íntima de suas companheiras; a amizade é uma hipocrisia calculada, a inocencia uma máscara, o amor pátrio uma rêde, etc., etc.»

Desta mina deletéria, já menos mal explorada pela chamada escola romântica e tão esmerilhada e refinada pelo realismo pornográfico dos nossos dias, destaca-se como reacção potente a grande obra de Julio Verne, onde as pieguices dos amôres, fundidos em olheiras profundas, esgares de tísica pulmonar, venenos, punhaes e bacamartes, o sensualismo desvergonhado, a mundanidade esteril, os escárneos ás religiões e aos bons costumes patriarchaes e a nauseabunda obscenidade da moderna mercancia de livros — fôram redemptôramente trocados por actos de fôrça moral e física, baseados em artes, sciência, lêtras, applicados a descobrimentos terrestres e planetários, a sentimentos fortes e nobres e á exaltação do trabalho e da virtude.

Nesta obra colossal, onde a geografia, a mechânica, a navegação, a física e a história natural se difundem e aclaram, só há uma falsidade, a da... maravilha, indispensavel á transição do velho sistema, pí-lula doirada pãra a ingestão dos materiaes novíssimos e regeneradôres, alguns dos quaes julgados impraticaveis são hõje pura realidade.

Castilho, se agora vivêsse, não se dedignaria de aplaudir o intuito benéfico das *Viagens Maravilhosas*, embora tivesse de fustigar despiadadamente o abastardamento da nossa linguagem hodierna, apesar do pronunciado adiantamento dos processos filológicos.

Se o pontífice máximo do purismo português, já no seu tempo de plena florescência literária, requeria policia pãra o desbravamento do escrevêr e falar — que faria hõje, em face da imprensa e literatices, que nos regem?

Pedia, com certêza, a guilhotina.

Não será despiciendo ouvir ainda, um trêcho clamoroso do mestre, ao menos para agrado da meia dúzia de caturras, que se interessam pelo assunto, e lastimam que o mal já venha de longe.

«E assim se nos vai, de fora em fora, a lingua; e não há uma voz de legislador, representante do povo português, que portugêsa sôe, a pedir remédio para tamanho estrago, em cousa de tanta monta e tão nossa, e a mais nossa de quantas há; como se, depois da religião e dos bons costumes, e do socêgo público e da fama dos particulares, não houvera mais nada contra o que fôsse crime atentar pela imprensa! Oh! quando sobejará um pouco de polícia para chegar á república literária, que tão anárquica vai, assolando os presentes e ameaçando os vindouros!»

Simões Dias, desviado embora da sua tendência natural — a de sisudo escritor de gabinete e de poeta popular e sentimental — para o jornalismo de convenção, pela negregada política, que lhe explorou os méritos, conculcando-lhe a carreira das letras e despremiando-o até final, — é, pelo vigor do seu talento nativo e prática pedagógica, dos raros, em quem a mácula da má escritura não conseguiu alastrar-se.

Os seus versos de feição provençal, sua obra prima, os livros didáticos, cujas edições repetidas lhes assinalaram o préstimo, as traduções e imitações e as suas obras românticas são escritos de segura lição e de português escoreito.

III

Traços biográficos

Para os que não conheçam o estudo crítico-biográfico da nossa mão, apenso á quinta edição das *Penin-*

sulares, última e definitiva, como já notámos, ainda revista e arrumada pelo autôr; e especialmente para os que desejam apertar num só elo as notícias da vida e morte do popularíssimo poeta — vem de molde trasladar para aqui uma parte do que dissémos, preenchendo lacunas, rememorando factos, mencionando incidentes posteriores, e completando-os, embora resumidamente, a começar pelo escoreço biográfico.

Reivindicando, como lá afirmámos, para a crítica e para a história, uma individualidade, cujos attributos de plena revestidura andavam mal cerzidos e peormente localizados, aqui e acolá, mau grado a pericia dos que dela se têm occupado, fazêmol-o, sem que o nosso juizo obedêça ás consequências de uma amizade admirativa, dilatada e rigorosamente mantida por largos anos.

Sendo máxima nossa que a investigação e o registo do passado representam um culto, devido á memória dos que fôram, ao mesmo tempo, laboriosos, inteligentes e bons, é evidente que o nosso dizêr é um desempenho de boa e devida justiça.

O doutôr José Simões Dias nasceu, a 5 de fevereiro de 1844, numa pequena aldeia, cujo nome *Bemfeita* lhe basta para galhardia.

Situada acima de Côja, ao lado esquerdo do rio Alva, no concelho de Arganil, apertada entre montanhas, ramificação longinqua da Estrela, cortada pela ribeira da *Mata*, apesar do desmazêlo extravagante da sua casaria, alem de bem feita, com mais propriedade poderia chamar-se *Beatíssima*, em razão das suas edificações religiosas: uma capela octógona alpendrada da invocação de santa Rita, a meio da encosta; uma ermida de S. Bartholomeu, ao cimo; a certa distância, caminho da montanha, as capelas da Senhora da Guia e das Necessidades, precedidas de um grande terreno arborizado; e como sentinela vigilante, á entrada do lugar, a igreja parochial de

tôrre quadrangular, cujo orago, Santa Cecília, poderá sêr advogado dos bons poetas, que músicos devem considerar-se de privilegiado quilate.

Uma pequena povoação solitária, estendendo na vertente de uma serra apinada, ladeira acima, a sua casaria rústica, coberta de lousas ardorianas, quasi primitiva, enquadrando-se em socalcos verdejantes, que se enfileiram igualmente noutra serra fronteira, e banhando os pés numa ribeira sussurrante, salpicada de azenhas e marginada por árvores fructíferas e cultura campesina, aonde a primavera envia rouxiões em barda — é excelente estância pãra bêrço de um poeta.

Antonio Simões Dias, proprietário, que ainda vive, e sua mulher D. Maria do Rosario Gonçalves, há pouco falecida, fôram os paes de Simões Dias.

Aos 10 annos, em 1854, concluia êste os estudos primários na escola do mestre régio da localidade, padre Antonio Pedro Nunes Teixeira, seu parente e velho liberal, que sofrêra por isso as torturas do exílio e das prisões de Almeida, homem probo, vulto espadaúdo, claro, aprumado, que um dia chegámos a vêr, cercado das netas, porque ao enviuvar é que se ordenára, concluindo os estudos interrompidos pelo casamento.

Empunhando a palmatória do officio, e experimentando frequentemente a elasticidade das orêlhas dos discípulos, Antonio Pedro era menos mau atrofiadôr de intellectos, mãs, no meio dos seus rotineiros processos, lobrigara a intellectualidade precoce e absorvedôra do pequeno alumno, que o fazia pasmar, e que, em breve tempo, lhe sugeriu largos vaticínios.

Nêsse dito ano, o rapazinho, em consêlho de família e por opinião sentenciosa do seu professôr, especialmente, foi mandado estudar latim pãra o distrito de Leiria com outro mestre régio, João Cabral de Brito, em Pedrôgão Grande, onde era párocho seu

tio, o reverendo Albino Simões Dias Cardoso, carácter amavel, homem boníssimo, a quem o educando deveu quente agasalho, e provada dedicação, de que sempre se lembrou agradecido.

O apartamento da aldeia nativa, deitada, a preguiçosa, sôbre as alfombras da encosta, que o pequeno percorrêra a despedir-se de tôda a gente, não se fêz sem lágrimas, como era natural e é próprio da compleição e sensibilidade dos que nascem nos braços das musas.

Na pátria de Miguel Leitão de Andrada, estêve três annos o novel estudante a suportar as lições, não de uma personagem, como seria o Andrada, douto autôr da *Miscellânea*, mãs sim do mestre Cabral, pedagogo ferrenho e ignorantaço, que êle felizmente abandonava no fim dêsse tempo, recolhendo-se ao *ninho seu paterno*, pãra se transferir a Coimbra, aonde iria cursar preparatórios.

A ida pitorêsa da Bemfeita pãra a Raiva num carro de bôis, sôbre molhos de palha, a sua entrada na barca mondegana, que, atulhada de pipas de vinho, ia leval-o, rio abaixo, á terra de Sá de Miranda e o seu deslumbramento em face da poética cidade, pãra êle tôda rutilante de louçanias e esplendôres babilónicos, que avultavam ao espírito impressionavel do estudantinho aldeão, como maravilhas nunca sonhadas, durante as leituras fantásticas da *Princêsa Magalona*, do *Carlos Magno* e da *Imperatriz Porcina*, sôbre que já tinha derramado não poucas lágrimas de admiração — tudo isso, tão nitido como fotografia indelevel, não se riscou nunca das lembranças infantis de Simões Dias, que saltava no caes de Coimbra, comovido, titubiante, com 15 annos de idade, dôze vintens em prata no bôlso, dádiva generosa de sua madrinha, e a alma virgem, angelicamente bucólica, alanceada de dúvidas e sustos.

A sua entrada e demora em casa de outro parente,

tambem padre, conhecido latinista naquela cidade, são por demais pungentes e ingratas para que delas nos ocupemos.

Dahi provieram numerosos desgostos á sua vida, que foi sempre eivada de rara parcimónia e successivas difficuldades.

De todos os preparatórios, necessários á matricula posterior, fez exames em 1857 e 1858; faltando-lhe porém a idade, e cedendo passivamente ás instancias e vontade dos parentes, que o desejavam clérigo, foi inscrever-se, ao seminário, no curso teológico, que, tão galhardamente como acontecera com os estudos antecedentes, terminava, ao fim de três anos, em 1861, contando apenas 17 de idade.

Por isto, facilmente se pode calcular que tortura não seria para aquêlê espirito florejante a aridez de taes conhecimentos tão contrários á sua vocação; e de que poder de intellecto dispanha o seu organismo!

*
* *
*

No *Doutôr Sphinge dos Contos em prosa*, narrativa, que transitou para as *Figuras de Cêra*, com o modestíssimo titulo de *João Ninguém*, e que é uma autobiografia, Simões Dias, apoucando o seu mérito, mäs indicando os processos de ensino do seu tempo, faz-nos dêles o seguinte retrato:

«Os mestres orçavam geralmente pelos que tinha encontrado nas primeiras lêtras e no latim; os processos os mesmos; e, quando me supunha um sábio em todas as matérias percorridas, encontrei-me com o cérebro vasio e a intelligência exhausta. O mundo continuava a sêr para mim um vasto mar tenebrôso e desconhecido.

«Para o vencêr carecia de lutar, mäs faleciam-me todos os meios de resistência. As aulas não tinham

pôsto nas minhas mãos nenhum dêsses instrumentos poderosos, que servem para defendêr a dignidade pessoal e para grangear o pão de cada dia.

«Sentia-me com âncias para o trabalho util, mäs não sabia trabalhar. Os métodos da disciplina mental e as torturas da memória não tinham feito de mim o que vulgarmente se chama um cretino, mäs tinham com certêza produzido um inutil. Discorria como um papagaio, porém não raciocinava melhor que um selvagem por domesticar.»

A amargura cáustica, que resumbra destas linhas, pinta, a justos e breves traços, toda a sequidão do ensino official.

Apesar de tudo, porém, a frequência de estudos áridos e monótonos quase incompatíveis com aquêlê cérebro juvenil, onde borbulhavam todas as idealidades, cor de rosa, de uma alma scismadôra e inexperiencede, não chegou, durante êsse largo tempo, a empanar a luz fulgurante de uma espontânea e vivíssima inspiração, que se desatava em floridas primicias, que a todos pareciam demasiado precoces.

São de anos tão vêrdes os primeiros versos correctos de Simões Dias, porque os incorrectos datavam já de mais tempo.

Diante de nós temos uma longa carta do doutôr Jacintho Nunes, na qual o conhecido democrata, domiciliado em Grândola, ao sabêr-nos biógrafo do seu antigo companheiro de estudos, se apressou espontaneamente a dar-nos alguns esclarecimentos.

Ao falarmos em versos incorrectos, vem de molde, dar noticia das seguintes particularidades dessa carta:

«Convivi muito com Simões Dias, desde 1855 a 1865, visto que Pedrôgão Grande, onde êle estudou latim, é a terra da minha naturalidade.

«Quando êle se matriculou no curso theológico do seminário de Coimbra, já eu lá estava.

«Por êsse tempo, apesar de *formigão*, entregava-

*

me eu, nas horas vagas, a devaneios poéticos. Um dia, mostrei a Simões Dias uma versalhada qualquer da minha lavra.

« Este não se denunciou, mäs, dois outros dias depois da minha confidência, que o estimulou, correu a mostrar-me uns versos seus, originalíssimos, mäs um tanto livres na *técnica*.

« Dei-lhe por isso o tratado de metrificacão de Castilho, aconselhando-o ainda, como melhor guia, a estudar nos escritos dêsse grande mestre, nos do Garrett e de outros poetas muito em voga.

« Resultado maravilhoso! Poucos mēses depois, já quando a minha brotoeja poética estava quase curada, inundava êle as fôlhas literárias de Coimbra com os seus versos tão naturaes, tão peninsulares, tão sentidos, que eram um encanto pãra os que prezavam o cunho nacional dêsse género de literatura ».

E era assim. Dahi data a sua colaboraçã nos periódicos literários de Coimbra — *Tira-teimas, Hímnos e Flôres, Fósforo, Harpa, Prelúdios Literários, Átila, Academia*, que fundou com Emigdio Navarro e Lopes Praça, *Chrisálida*, em que se associou com Theophilo Braga e Duarte de Vasconcellos, e finalmente na *Fôlha*, de João Penha.

Pode afoitamente dizêr-se que, num período de 9 anos, de 1861 a 1870, não houve em Coimbra e arredores publicação, que não tivesse escritos seus, podendo ajuntar-se ás mencionadas o *Povo, País, Estrêla da Beira* e *Comércio de Coimbra*.

IV

Curso teológico — Prêgação e casamento

Concluido o curso do seminário naquêle ano de 1861, como dissemos, Simões Dias, ainda á espera de

maior idade, ia matricular-se nos estudos universitários.

Recrudesceram aqui verdadeiros amargôres de uma vida laboriosa pãra o môço poeta, que, ao mēsmo tempo que forcejava por mantêr completa nas aulas a reputação conquistada, via-se forçado a lecionar numerosas classes, dentro e fóra de sua casa, pãra ganhar o pão; sustentar a sua independência; dedicar-se, com o fervôr do seu estro sugestivo, aos predilectos estudos literários, sua aspiração suprema; e mais tarde pãra auxiliar e encaminhar a educação de seus dois irmãos, Antonio e Albino, aquêle, actualmente official do exército e êste professôr e párocho exemplar da Cerdeira.

Com efeito, mercê das tendências inatas, vivazes, irresistiveis do seu espirito creadôr, dois anos mais tarde, aos 19 de idade, em 1863, publicava em Coimbra a coleção lírica do *Mundo Interiôr*; em 1864, o poemeto *Sol á Sombra*; em 1867, a 2.^a edição do *Mundo Interiôr*; e finalmente, em 1868, o livro de contos *Corôa de Amôres*, que, há pouco, se fundiram e alargaram em 3.^a edição, sôb a crisma de *Figuras de gêsso*.

Tôdas as previsões dos aurúspices, devotados á preconisação dos seus altos destinos intellectuaes, ultrapassavam as raias prescrites.

A imprensa da época registava com aplauso vibrante as estreias do novel poeta, prometendo-lhe vasto futuro.

Tôdos os magnates das lêtras, os que então faziam e desfaziam reputações, vieram ao chamamento dos louvôres, que se apregoavam, e exalçaram o mérito, que lhes dava causa.

Mendes Leal, logo ao lêr dos primeiros versos, mandava-lhe o seu retrato, com esta ridente e notavel dedicatória: — A uma primavera, que se inflora com o nome de Simões Dias, um estio, que declina com o

nome de Mendes Leal». Castilho aplaudia-o, com alma, em correspondência particular, e publicamente em carta ao *Jornal do Comércio*; Camillo, como escreve no *Cancioneiro Alegre*, conhecendo poucos poetas e gostando de pouquíssimos, destinava aos cantares do novel trovadôr, o pequeno raio das estantes, consagrado aos bons; Pinheiro Chagas, analisando no *Panorama* as canções populares do recém-vindo ás fraldas virentes do Parnaso, chamava-lhe o primeiro guitarrista peninsular!

O talentoso estudante ia portanto terminar os seus estudos universitários, tão discordes da sua compleição, sôb os melhores auspícios, já senhôr de um nome laureado; o vate recebia a sua sagração por mãos dos melhores patriarchas da seita; e o escritôr ia entrar na pugna, onde em breve conquistaria as suas esporas de cavaleiro.

*
* *
*

Cabe nesta altura uma curiosissima nota, que pouca gente conhece fóra do districto coimbrão, e que vem dar nôvo abono á elasticidade intelectual do nosso estudante. Simões Dias, ao fim do curso theológico, por benevolência, certamente, das autoridades ecclesiásticas e instâncias do tio padre, chegou a prégar em várias egrejas, nomeadamente na do Pedrógão Grande, com um êxito, diz-nos ainda a carta do doutôr Jacintho Nunes, superior ao de tôdos os afamados prégaradôres d'aquêles sítios!

Se não fóra a falta de idade, os desejos e instâncias dos parentes ecclesiásticos e seculares e a atmosfera, que respirava no seminário, tel-o-iam convertido, precipitadamente, num padre.

Durante o curso universitário, porém, e ao desabrochamento irradiante da sua florescência poética e

literária, parecêres autorizados, consêlhos de homens doutos, vozes unânimes, emfim, clamavam que seria desconchavo inaudito e até barbaridade premêr, atrofiar tão prometedoras aptidões na estreita e aleijada envergadura de um simples sacerdote.

Alem das causas, que apontamos, o nosso devêr de cronista rigoroso, obriga-nos a registar que Simões Dias se apartava da vida clerical, alem de tudo, por irresistivel inspiração da sua musa, encarnada num vulto trasbordante de formosura e mocidade, na figura esbelta e seductora de uma mulher, que era o seu maior estímulo e o ardente amôr da sua alma apaixonada e poeticamente sonhadora.

Vejamos.

Em julho de 1868, ano da sua última publicação literária, tendo alcançado, durante tôdo o curso universitário, as mais honrosas classificações, Simões Dias concluía a sua formatura; e era instantemente solicitado pelos seus professôres pâra que se doutorasse, e consentisse em fazer parte do côrpo docente da universidade.

Impelido porém pela aura de uma liberdade, que lhe sorria de longe, pelos próprios encómios dos seus admiradôres, por estímulos vários, que lhe tumultuavam no ânimo assimiladôr, e ainda mais pela norteação e sorrisos estonteadores da sua donairoza musa — preferiu concorrêr a uma cadeira de portuguez, francês, latim, economia rural e administração pública, creada pâra a cidade de Elvas, por lei de 27 de junho de 1866.

Entretanto, em festiva caravana, composta apenas dos seus queridos amigos e admiradôres Domingos de Almeida, a quem adeante nos referimos, Dr. Lopes Praça, José Galvão Peixoto Lobato e sua espôsa D. Albertina, esta e aquêle padrinhos do casamento, Simões Dias, aos 24 anos, respirando, a plenos haustos, a maior alegria de tôda a sua vida, três mêses

depois da formatura, a 3 de setembro de 1868, seguia caminho do Bussaco, onde ia passar este dia, levando de braço a sua musa dilecta, a mulher de há muito amada, D. Guilhermina Simões da Conceição, que de madrugada esposara em Coimbra, na igreja da Sé.

Então exclamaria êle, transportado de louco embevecimento, como nos seus conhecidos versos:

Bem hajas, meu tesoiro!
Bem hajas, minha flôr!
O' minha estrêla d'oiro,
O' meu sonhado amôr.

Bem haja a luz celeste,
Que os passos teus condúz,
Archanjo, que vieste
Tomar a minha cruz!

Do consórcio de Simões Dias, celebrado pelo párocho Ignacio de Carvalho Freitas, apresentada provisão do governadôr do bispado, dispensando os proclamas, fôram testemunhas José Galvão Peixoto Lobato,¹ representante de Miguel Antonio de Souza Horta; e D. Albertina Augusta Caldeira Galvão, delegada de D. Maria da Gloria Costa Souza Albuquerque.

A noiva de Simões Dias era filha da então muito conhecida e celebrada logista Delfina, estabelecida em Coimbra com botequim, frequentado pela academia e gente grada. Boa educadôra de suas filhas, mantinha-as com recato e distinção.

¹ Galvão, tão preconizado por Simões Dias, na sua correspondência epistolar, era um rapaz de larga inteligência e probidade. Coursou os preparatórios do liceu coimbreense; foi 2.º sargento de caçadores, fêz-se em seguida telegrafista, sendo, em 1871, nomeado directôr do correio das Caldas da Rainha, e morrendo dois anos depois tuberculoso. Ao que nos consta, D. Albertina, sua esposa, vive ainda em Condeixa, tendo passado a segundas núpcias.

Segundo se deprehe de uma carta de Simões Dias, escrita em agosto de 1866, da Figueira, ao seu e nosso dilecto amigo Domingos de Almeida,¹ os seus amôres, começados na frequência do botequim, robustecêram-se naquela praia de banhos, aonde Delfina fôra, nêsse ano, com tôda a família, sendo seu hóspede o futuro noivo da filha Guilhermina.

— Que tempos! — escrevia êle, um mês depois, recordando essa época, saudosa² — Que tempos! que luar! e que louco devanear por essas solidões da praia, ou lá, em cima, no forte, onde, sôbre uma peça de artilharia, tracei a lapis aquêle *adeus* do *Mundo Interiôr* quando me vi obrigado a retirar-me antes *dela!*»

Recordemos nós êsse *adeus*, que anda adstricto ás *Peninsulares*, como convem ao quadro e como eco tradicional dos amôres característicos, tantos e vários, que hão tido por bardos os rouxinoes dos sinceiraes de Coimbra:

É forçoso partir, e só Deus sabe
Quanta amargura em tão cruel momento!
Nem se imagina como em peito cabe,
Com tanto amôr, tamanho sofrimento!

Hei-de conta-lo aos ceus de alheia terra,
Hei-de dizê-lo á lua, quando passe,
No viso melancólico da serra
Anciôso por beijar-te a nivea face.

¹ Domingos José de Almeida e Silva, um quase irmão de Simões Dias, nosso condiscipulo e amigo, em cuja casa dormimos a última noite, que precedeu a nossa partida para além do Atlantico; actualmente chefe da estação telegrafo-postal de Coimbra, coração amantíssimo, carácter impecavel no que toca a sentimentos de boa e leal camaradagem, amigo raro, a cuja dedicação se devê a guarda de numerosa correspondência, que recebeu do poeta, durante tôda a sua vida, a mais importante da qual nos forneceu algumas datas e esclarecimentos, de que nos servimos, e que aqui lhe agradecemos.

² Carta de 4 de outubro de 1868.

E, quando á noite o ceu tódo estrelado
No azul estenda o luminoso manto,
Hei-de lembrar-me de outro ceu doirado,
O ceu do teu olhar, cheio de encanto.

Depois no rasto, que deixa, no espaço,
Cada estrêla cadente, em noite calma,
Hei-de mandar-te num estreito abraço
As saudades sem fim, que me vão nalma.

Quando eu andar mais triste, irei sentar-me
No cume do alto cerro, ao fim do dia,
Só para vér se, á fôrça de enganar-me,
Posso enganar a própria fantasia.

Más que triste consôlo! Adeus! Comigo
Vai combatendo a sorte, que me cabe;
As saudades, que levo, não tas digo;
Penas, que nalma vão, só Deus as sabe!

V

Em Elvas — Trabalhos literários

Apesar do grande número de concorrentes, as provas de habilitação á cadeira, a que aspirava, fôram tão brilhantes que o faziam preferir, e nomear professor vitalício, por decreto de 30 de novembro do sobre-dito ano, isto é, quatro menses depois da sua formatura.

Simões Dias, ainda á espera do seu diploma, pãra fugir aos reparos e recriminações de tódos os seus parentes, que instavam pela sua elevação ao sacerdotício, e não tiveram conhecimento das antecêdências e realização do consórcio, ao voltar do Bussaco, no próprio dia do seu enlace matrimonial, dizia apressado adeus, na estação do caminho de ferro, aos seus companheiros e amigos, abandonava os cinzeiras do Mondêgo, onde modulara os seus primeiros cantares, e se-

guia pãra Elvas, enamorado das doces peripécias dos seus castos amôres, que, ainda mal pãra o seu futuro, se lhe sumiriam em breve no túmulo.

Houve largo espaço entre a chegada a Elvas e o recebimento do diploma, que o encartaria na cadeira, sendo-lhe preciso, pãra acudir ás necessidades da sua vida doméstica, promovêr leccionações, que lhe deram uma dúzia de discipulos.

Aludindo a uma legenda, que Domingos de Almeida lhe pedira, nessa época, pãra o túmulo de uma creança conimbricense, escrevia-lhe Simões Dias:

— A quadra vai fria de mais pãra versos; alem disso, saem sempre enregeladas coisas, que se não sentem; por mais que a gente lhes puxe e repuxe as grenhas, não há levantál-as da prosa.»

São assim os versos de encomenda; bem o sabemos tambem.

Levantemos nós, porém, de futuro esquecimento essas linhas não despiciendas, que só constam da carta amarelada, aberta deante de nós:

A' sombra desta lousa, em terra dura,
Se finou em botão, mōça e menina,
Aquela, que, através da sepultura,
Fêz seu caminho pãra a luz divina.

Amôres, pae e mãe, que Deus lhe dera,
Por longas horas, vêm aqui chorar,
Que o anjo de sua alegre primavera,
Aos anjos, seus irmãos, se foi juntar.

Recebido o diploma, dizia Simões Dias, através da sua trabalhosa experiência, com o leve prurido de ironia cáustica, que ela lhe emprestára.¹

— Depois dêste despacho já tenho muitos amigos em Elvas! Como as coisas são!.....

¹ Cartas de fevereiro de 1869.

«A minha criada, que tem 23 anos, é literata e actriz! profissão, que exerceu três anos e meio no teatro cá da terra, onde fazia de primeira dama! e o meu criado é um militar, que me saúda, fazendo continências! Vê tu que grandêzas! O diabo é que sou um fidalgo pobre!»

*
* * *

As obrigações do seu cargo, como acontecêra com os estudos anteriôres, não inibiram Simões Dias do cultivo literário, e concorreram até pâra que, pela primeira vêz, experimentasse as suas armas de polemista, batalhando nas ardentes pugnas, que então se feriram contra a *Nação*, o *Bem Público* e outras folhas reacionárias, que lhe não perdoavam o desvio pâra fóra dos arraiaes teológicos.

O campo da batalha era a *Democracia*, de Elvas, onde colaborava com o reverendo Henrique de Andrade, tão modesto como erudito, seu companheiro e devotado admiradôr, a quem deve uma das mais calorosas biografias.

A sua estada em Elvas assinalou-se especialmente pela publicação do poema heroe-cómico *A Hóstia de oiro*, saido dos prélos da *Democracia*, em 1869, ano fatal pâra o seu amorôso coração de espôso idolatrado.

Sua mulher, a musa dilecta dos bons tempos de Coimbra, enfêrma, a 20 de março, succumbia na melhor quadra da sua vida, a 14 do mês seguinte, e era sepultada no cemitério de S. Francisco, aos 24 annos de idade, flôr tão modesta, como formosa, que se desfolhava em pleno viço, por ironia da sorte, ao desabrochar das flôres primaveraes.

Dêste dia em deante, deixou Elvas de têr pâra Simões Dias a costumada simpatia, apesar de ainda ahí publicar, no ano seguinte, 1870, a 1.^a edição das *Pe-*

ninsulares, canções meridionaes, impressas, como o livro antecedente, nos prélos da *Democracia*.

Êsse livro antecedente *A Hóstia de Oiro*, estabelecia um caso singular do destino.

Ao respirar a mêsmã atmosfera, que tinha envolvido a figura irónica do doutôr Antonio Diniz da Cruz e Silva, um século antes, o amorôso trovadôr e cantôr lírico das canções meridionaes, comungava em espírito com o autôr do *Hyssope*, e satirisava personagens do seu conhecimento, na *Hóstia de Oiro*, escrita á mêsa da redação da *Democracia*, e pensada na própria casa, onde poetara Cruz e Silva!

Êste poema era um nova-característica de aptidões, que ninguem lhe supunha, que a superstição poderia atribuir a filtro maravilhôso, que por ahí estadeasse, desprendido, havia tanto, do alto espírito, que produziu o *Hyssope*.

Em agôsto do já dito 1870, Simões Dias deliberava transferir a sua residência pâra Lisbôa, onde obtivera, em concurso, um modesto emprêgo na secretaria da justiça, exactamente quando o município de Elvas se reunia pâra o louvar, como professôr, aumentando-lhe o ordenado, e rogar-lhe que não saísse dali.

No período, consagrado a Elvas, devemos tambem mencionar o aparecimento de uns *Estudos sôbre a literatura hespanhola contemporânea*, que, anos depois, em 1877, se ampliaram, e refundiram, formando o volume *Hespanha Moderna*; bem como nos cumpre notar os factos principaes, a que êsses escritos deram causa.

Simões Dias, pelo conhecimento que tinha dos escritôres espanhoes, alguns dos quaes lhe conheciam e aplaudiam o nome, compozera êsse livro, revista crítica e biográfica dos poetas, oradôres, eruditos, historiadôres e artistas contemporâneos da nação vizinha.

Esta obra pôl-o em comunicação com os princi-

paes talentos de Espanha, com cuja amizade se honrou sempre; valeu-lhe um encomiástico artigo na *Ibéria*, onde se mencionavam e celebravam os serviços feitos á literatura hespanhola pelo escritôr português; e deu-lhe a honra de recebêr, na sua casa de Elvas, no dito ano, das mãos do então ministro Montero Rios a comenda de Izabel a Católica, com que a regência de Serrano quis galardoar êsses serviços.

A comunhão confraternal de Simões Dias com os escritôres espanhoes promanara das traduções, que alguns dêles haviam feito dos seus versos, e dos louvôres, com que o saudara a imprensa espanhola, logo em seguida á publicação.

Emquanto distinctos poetas, como Ventura de Aguilera, Luiz Vidart e Garcia Blanco assinavam essas traduções, notabilidades, como Victor Balaguer, o sábio académico autôr da monumental *História de los Trovadores*, Emilio Castelar, Romero Ortiz, Nunes de Arce, Montero Rios, o recente e coagido negociadôr da triste paz espano-americana, e outros publicavam na imprensa mais autorizada artigos laudatórios e calorosas felicitações.

A comenda espanhola, louvôres sejam dados aos sicofantas da politiquice portugueza, que convivêram com Simões Dias, e lhe sugaram o mérito, foi a única distinção honorífica, que o acompanhou em vida!

VI

Em Lisboa e Viseu

A estada de Simões Dias em Lisboa foi passageira, durando apenas de agosto do ano antecedente até abril de 1871, ano, em que deu á estampa as *Ruinhas*, poemêtos, que ainda imprimiu em Elvas, e que, como o *Mundo Interiôr*, fazem hoje parte das *Pe-*

ninsulares; e data, em que era encarregado pelo governo de ir regêr no liceu da cidade de Viseu a cadeira de oratória, poética e literatura, sendo provido na propriedade desta última disciplina, em 1880, e desempenhando já o cargo de secretário do mêsmo liceu, para que fôra escolhido, dois anos antes, por decreto de 21 de fevereiro de 1878.

A curta demora, porém, na capital, não inibiu o festejado poeta de travar relações e camaradagem com a maioria dos literatos lisboetas, quase tôdos frequentadôres dos célebres saraus literários, onde, aos sábados, na sua residência de S. Francisco de Paula, o venerando Castilho, cercado de fina flôr da aristocracia do talento e do sabêr dessa época brilhante, fazia da sua casa um areópago de sciência e lêtras, como nunca mais tornou a havêr em Lisboa, onde os conventículos posteriores de invejas e seitas produziram a desunião subsequente.

As tão procuradas enciclopédias literárias desses tempos áureos dão a medida da cohorte numerosa de escritôres, que se acercavam do maior sabedôr e melhor purista da lingua portugueza.

Uma dessas afamadas reuniões, a pedido de Fernandez de los Rios, celebrou-se no palácio da embaixada espanhola, á rua das Chagas, onde êste diplomata tratava de conquistar prosélitos, entre os melhores políticos e homens de lêtras para os seus fanatismos ibéricos.

Julio de Castilho, como êste próprio nos afirmou, há tempo, herdeiro do título e do talento de seu gloriôso pae, ia lêr uma obra do mestre, nacionalisadôr inimitavel de estranhos monumentos literários, a tradução do *Fausto*, em sarau familiar de gala, entremeado de ceia, crítica, dôces, licôres e música, serão brilhante, que se prolongou até á madrugada.

Simões Dias, que para êle fôra um dos convidados, recebendo do diplomata espanhol finêzas espe-

ciaes, sempre se lembrou com saudade dessa noite memoravel.

*

* *

A permanência em Viseu comprehende um dos períodos mais afanosos e notaveis, se não o mais afanoso, do viver de Simões Dias, tantas e tão diversas ramificações tomou êle.

Um ano depois da sua chegada, creava nova família, matrimoniando-se, segunda vêz, em 26 de setembro de 1872, enlace, de que proveio sua filha, a sua filha dilecta.

Amigo particular do falecido bispo de Viseu, D. Antonio Alves Martins, lançou-se, abertamente e a breve trêcho, na defesa dos princípios e programa daquêle estadista; e taes aptidões desenvolveu, que lhe conquistaram, dèsde logo, um dos primeiros lugares da política districtal.

Os sinceros amigos das lêtras é que, certamente, não mandaram o seu cartão de visita á inebriante e refalsada empolgadôra de quase tôdos os talentos literários do nosso país.

Apesar de tudo, sem faltar aos seus devêres profissionais, escrevia livros pâra as aulas; compunha contos e romances, uma vêz por outra; dirigia o jornal *Observadôr*, que fizera nascêr pâra apostolar a sua política liberal e patriótica, em 1878; e depois, a 2 de novembro do ano seguinte, creava o *Districto de Viseu*, que dirigiu, durante oito anos; cuidava das façoes, pâra onde o arrastavam as solicitações dos amigos; fazia discursos nas assemblêas populares, e curava finalmente do bem-estar da família.

Eleito deputado ás côrtes, por Mangualde, em 1879, estreou-se, como oradôr parlamentar de excellentes recursos, ao propôr que fôsse considerado de gala nacional o dia do tricentenário de Camões.

A sua oração foi acadêmica e elegante; avantejou-se-lhe extraordinariamente, porém, a que pronunciou, como relatôr do projecto de lei da instrução secundária, de 14 de julho do ano seguinte, discurso erudito, que preencheu duas sessões do parlamento; trabalho oratório e pedagógico de primeira ordem, seguido de gabos especiaes da imprensa.

O melhor discurso parlamentar de Simões Dias foi reduzido a livro, e conta duas edições de larga circulação.

Três legislaturas mais o tiveram por deputado, por acumulação de votos — a que vae de 13 de dezembro de 1884 a 7 de janeiro de 1887; por Pombal, a de 2 de abril dêste ano a 10 de junho de 1889; e por Mértola, a de 19 de abril de 1890 a 2 de abril de 1892.

Os seus artigos de polémica, vernáculos e um tanto irónicos, nada ficavam a devêr á costumada oratória parlamentar, que não tinha fulgurações demosthénicas, nem repentens arrojados e retumbantes, á José Estêvão, mãs frases conceituosas e períodos de um colorido quente e incisivo, quando o assunto lhe merecia affecto.

Nos tão falados comícios, que se celebraram, em 1882, contra o contracto Salamanca, a palavra vehemente e correcta de Simões Dias produziu peças tribunicias, que fôram altamente cotadas pelos jornaes do tempo.

Foi êle quem, á frente de uma numerosa comissão districtal, se dirigiu a el-rei D. Luiz, então de visita á Beira, pedindo a demissão do govêrno.

Apesar d'essa agitação de vida, a robustêz das suas faculdades mentaes não deixava condenar ao abandono os assuntos escolares e as belas lêtras, exceção feita da poesia, que não viça em ruidos tumultuantes, nem floresce em terrenos de aluvião, estranhos á subjectividade do seu sêr immaculado.

VII

Ainda a época de Viseu

Pertencem á época visiense, que atravessou o largo período de 1871 a 1886, as seguintes obras:— *Compendio de história pátria*, pára as aulas primárias, em 1872; *Compendio de poética e estilo*, em 1872, mais tarde refundido na *Theoria da composição literária*, que já chegou á 10.^a edição; *Historia da literatura portugêsa*, que começou em 1875, com o titulo de *Lições da literatura portugêsa*, e já atingiu a 9.^a edição; *As mães*, romance publicado no Pôrto, em 1877; impressas na mesma localidade e ano, as *Histórias contemporâneas*, refundidas em 1898 sôb o título de *Figuras de cêra*; *Curso de philosophia elementar*, de Balmes, tradução, Pôrto, 1878; *A flôr de pântano*, de Carlos Rubio, tradução, Viseu, 1881; *História da philosophia*, de Balmes, Pôrto, 1881; *A instrucção secundária*, 1.^a edição do Pôrto, 1880, e 2.^a de Coimbra, 1883; e *Manual da leitura e análise*, colaboração, Pôrto, 1883.

A musa cancionista e trovadorêsa de outros tempos desertara chorosa de Viseu, onde a escandalizavam os rasgos tribunícios e os artigos de polémica de Simões Dias; e iria refugiar-se amedrontada no meio dos rosmaninhos floridos da pequena Bemfeita, aldeia, onde o seu amado nascêra, onde o dilecto da sua feição popular, característica, bebêra a agua lustral da inspiração, que ela, a musa sertaneja de bom sangue, sincera, espontânea e robusta, lhe fizera bebêr nos seios maternos, quando êle, o doido bandolinista, a definia assim:

É uma serrana bela
Que um dia encontrei no monte,
De madre-silva e marcela
Toucada a virginea fronte.

É uma gentil plebeia,
Pastora sadia e forte,
Que prefere o sol de aldeia
Ao gaz dos salões da côrte.

A testa espaçosa e bela
O cabêlo de oiro fino,
E uma túnica singela
Sôbre o seu côrpo divino.

Se aparecia, a coitada, de vêz em quando, a uma réstea de sol nascente, era pára repetir, a meia voz, soluçante, as trovas dos bons tempos de Coimbra, e deixar-se cair desalentada sôbre a aresta das penedias, ao recordar-se do que o travêso descantara ás morenitas do Guadalquivir:

Quem sou? — perguntareis, môças de Espanha:
Sou das bandas, que o límpido Mondêgo,
Com sua veia cristalina banha.
A minha terra em glória foi tamanha,
Que a não excede a pátria de Riego;
Nos campos me creei da bela Ignês;
Môças de Espanha, em fim, sou portugêus.

.....

Porque canto? — direis, lindas donzelas.
Que ha-de fazêr a gente, quando é môço;
Sôb este ceu de fúlgidas estrelas,
Ante essas raras perfeições tão belas,
Que outras mais belas descobrir não posso?
Não pergunteis, occidentaes huris,
Pela razão dos cantos, que me ouvis.

Eu canto, como canta o passarinho,
Pousado, á tarde, no rochêdo alpestre,
Quando, ao passar do doido torvelinho,
Se lembra, com saudade, do seu ninho,
Onde aprendeu a descantar sem mestre;
Canto a capricho, canto sem lição,
Canto, por comprazêr meu coração.

*

Era verdade tudo isso; mäs torvelinho mais doído ainda, onde revolteam sempre paixões de uma turba ignara, que ruge conveniências de ocasião, que não qualidades inatas; nem sentimentos como os dêsse homem simples e boníssimo, de quem ela se acercava — fizera que a voz do poeta emudecêsse.

Mal empregado descaminho de quinze anos!

Que proventos, que honrarias, que posições deu a negregada política a Simões Dias?

A política não é arte de bem governar, como se pensava, e dizia na infância da palavra; é o barracão de feira franca, aonde primeiro chegam os que mais atropelam, gritam e ousam.

Madrasta dos países gastos, onde falha patriotismo, aventureira de mediano pudôr, abraça-se aos atrevidos, que lhe arregaçam as mangas de colareja, e só os bem conhece, e distingue no turbilhão ensurdecidôr e capciôso, que a cerca, noite e dia.

Audaces... audaces...

Simões Dias não ousou, abroquelado na sua sinceridade espartana; gastou anos a palmilhar o caminho das secretarias de Estado, com os bolsos atulhados de pretensões dos beleguins eleitoraes, tarimbeiros de officio, adstrictos ao barracão do ídolo, saltimbancos vários, que mais tarde desconhecêram o seu patrono; trabalhou afanosamente a favôr de um partido, que levou tôdo esse largo tempo a explorar-lhe a valia; e por último nem ao menos viu baixar até êle o que tem subido ao próprio balcão das mercarias, uma simples carta de consêlho.

Razões em barda tinha pois a donairoza musa do poeta pãra se lastimar, chorosamente, do abandono, em que se via, a pobre apaixonada!

VIII

Simões Dias e nós

Permita-se-nos nêste lugar, uma nota pessoal, que vem a pêlo, como depoimento obrigado de testemunha ocular, narradôra fiel dos acontecimentos.

Em 1863, emquanto Simões Dias, nosso compatriótico, se comprazia já com as suas estrêias poéticas, nos *Prelúdios literários* e noutros periódicos, e pouco depois publicava as líricas do *Mundo Interiôr*, a nossa orfandade interrompia-nos os primeiros estudos preparatórios, e atirava comnôscos barra-fóra, em demanda de um modo de vida, que uma parentela brutal nos recusava.

As saudades do lar, onde nos ficava a santa velhinha, que nos servira de mãe; as lembranças da pátria, pungentes, quando o coração não é simples cartilagem anatómica, pungentes sempre em terra estranha, embora nada devamos á pátria, como nada lhe devíamos; e a duvidosa esperança de regresso, a mil e tantas léguas de distância, em clima adverso, — cruciavam-nos agudamente, obrigando-nos a lástimas e a versos pouco correctos, mäs muito lacrimosos.

Ano e meio, mais tarde, em principios de 1865, mandávamos a Simões Dias um volume das nossas pobres néncias manuscritas, requerendo opinião.

Colada ao nosso album de memórias, temos diante de nós, segundo documento dêste tomo, amarelenta, com a lêtra desbotada e os vincos meio dilacerados, a carta, que em 25 de abril dêsse ano, da sua mão recebíamos, pãra alem do Atlântico.

E' um inédito, que, embora de carácter particular, deve sêr conhecido, porque denuncia como, aos vinte e um anos, Simões Dias possuia o critério da

idade madura, corrigindo verduras de um inexperiente, que sentia muito, mas que nada sabia.

Archivêmo-lo pois aqui, para que o tempo o não consuma, e para que aos nossos olhos figure como uma homenagem a mais, tributada á memória do nosso compatriço, tal é o culto, votado ás recordações, que nos são comuns.

Eil-o:

« Respondo em poucas palavras, que a mais não alcança o tempo, á sua carta, que, se me honra tanto e por isso me confunde, não menos me enche de nobre orgulho, por vêr que de tão longe, alguém se lembra do meu nome obscuro.

« Li com interesse as suas poesias, e nelas palpei a veia febricitante de um genio embrionário, que todo se desdobra em flôres e saudades.

« Há nos seus versos alguma coisa, que endoidece nos êxtasis do lirismo solto e desinquieto, como o balbuciar trémulo da creança, que chora nos seios da mãe, por não podêr contar em palavras os estos do coração juvenil.

« Gostei muito, principalmente, d'aquêles gritos arrancados do peito pela saudade da pátria, a qual em todas as estrofes rebenta viva e precipitada, como o palpitar das artérias.

« E' talvez êste sentimento, que domina e escravisa o pensar nas horas tristes e pungentes da concentração; por isso, eu não vejo senão endeixas e threnos onde eu pensava encontrar o retrato de um coração aberto ás impressões d'essas florestas seculares, d'essa vegetação robusta e nervosa das palmeiras da América.

« O seu livro agradou-me, porque me fêz crêr nos gorgeios de uma ave, que hoje mal se deixa conhecêr pelos atilos modestos e tímidos de infante. Agora que eu vejo a alta consideração, em que me quer têr, e a confiança, com que me entregou a âmbula sagrada

das suas muitas lágrimas, entendo que seria crime e remorso para toda a minha vida não falar com franqueza á pessoa, que de mim o exige.

« Não sou crítico, nem poderei sê-lo, mas lisongeio-me de nunca havêr sufocado em fumos de incenso os ídolos, que por si, isto é, pela sua pobreza, repelem os adoradôres.

« A sua estreia, meu amigo, não está neste caso, mas porque amanhã pode embaciar as pérolas, que tem de brilhar na sua corôa de poeta; e os homens costumam rir quando os outros choram, e, o que mais é, apontar na virilidade os defeitos da infância, aconselho-o a que guarde para si as lágrimas, não publicando ainda as suas poesias, não porque elas o deshonrem hoje, mas porque há de um dia cortar, despidadamente, o que hoje escreve com tanto amor.»

Bom e generoso amigo!

As suas previsões do nosso engrandecimento poético falharam, mas o seu parecêr têve consequências benéficas: a destruição completa dos versos, que lhe remetêramos.

Corrêram largos tempos de fortuna vária: perdemonos de vista.

Quinze anos depois, em 1880, o bom amigo de ambos, o Domingos de Almeida, dava a Simões Dias a notícia da nossa chegada á patria, aonde aportávamos opulento de... trabalhos e enfermidades; e mandava-lhe um livro nosso.

Alvorçou-se, e escreveu-nos, começando por estas palavras:

« Avivaram-se no meu espírito e no meu coração gratíssimas recordações de um passado, que procuraremos reconstruir, quando eu tiver o desejado prazer de lhe dar um apertado abraço de camarada antigo e de amigo saudoso.

« A notícia encheu-me de júbilo, dêsse júbilo superior e inefavel, que só experimentamos quando, no

caminho da vida, tornamos a encontrar o companheiro, que julgávamos perdido para sempre».

Mais tarde, quando o seu labôr visiense e a barafunda política lhe deixaram lêr o nosso livro, *A mulher — sua infância, educação e influência social* — remetido pelo citado amigo de nós ambos, Simões Dias publicou ácerca dêle, no *Districto de Viseu*, um largo estudo, que afóra os trêchos, que nos dizem respeito, forma excelente doutrina pedagógica e completo conhecimento de tôdos os propagandistas, que acham graves defeitos da educação feminina, tôda eivada de ociosidade, frioleiras e hábitos de luxo e vaidade.

Abrangeu êsse escrito cinco folhetins, que deverão entrar, como publicação valiosa, em qualquer reedição de livro apropriado.

O agradecimento á fineza recebida consta da oferta e carta, com que abre a nossa obra, publicada em 1883, *Uma Viagem ao Amazonas*, onde há as seguintes frases :

«Nem tudo se perdêra da minha excepcional e desfortunada infância. Só a reminiscência de um amigo podia acompanhar, e seguir os precalços de uma luta, que as suas expressões pôem a descoberto.

«Nunca o meu amôr próprio se sentiu mais lisonjeado. Votado ao trabalho e vivendo só dêle, por êle e para êle, sem nenhum dos grandes regalos comuns aos dilectos da sorte, tudo isso tem para mim o inestimavel valôr de uma avultada compensação.

« Vale bem o melhor dos diplomas.

« Agora, meu amigo, que bem sabe que falo de sua pessoa e comsigo, a quem dêvo, ausente, as expressões de maior estímulo, que me foi dado recebêr, para além do Atlântico; em terras da pátria, a principal e mais retumbante de tôdas as saudações, e agora uma suave recordação da minha meninice — permita-me que eu coloque, como pedra tôsca e rude, nos humbraes do edificio, que precisamos reconstruir,

da amizade, que julgámos perdida, êste livro, oferecendo-lh'o ».

IX

Em Lisboa

Em Lisboa, e no ano de 1886, abraçávamos Simões Dias, pela segunda vêz, depois do nosso regresso.

Transferido de Viseu para a capital, foi colocado no liceu, como professôr, por decreto de 16 de setembro; e como chefe da respectiva secretaria, por despacho de 14 de outubro.

A seguir, em 1887 e 1888, têve a direção do jornal progressista *Correio da Noite*, a que consagrou, como de costume, trabalho assíduo; fundou com Candido de Figueiredo, Visconde de Sanches de Frias e Oliveira Simões *O Glôbo*, fôlha diária, que atravessou um período de três anos, 1888 a 1891; e finalmente passou a redigir o *Tempo*, com Lobo de Ávila e Oliveira Martins.

Simões Dias, ferido nos seus brios e largos serviços pela ingratidão dos partidários dirigentes, aberrara da política.

Em livro, imprimiu e reeditou as suas obras didácticas, e estampou, em edições do periódico portuense *Educação Nacional*, de que era constante colaboradôr, *A escola primária em Portugal* e o atado de contos *Figuras de Cêra*, a que já nos referimos, creações de um molde palpitante de verdade e de correctá anatomia social, a que não escapou a própria figura do autor, que é o *João Ninguém*, com que fêcha o volume.

Schopenhauer divide os escritôres em duas classes distinctas — os de vocação e os de profissão — notando que os últimos, para agradar ao público, abundam extraordinariamente, e os primeiros são raríssimos.

Simões Dias, nos livros, onde a espontaneidade se manifesta, pertence aos primeiros; foi um escritor de vocação.

Ao mencionar a sua estada no liceu de Lisbôa, onde se demorou até á morte, é justo e preciso, agora, que falemos do professor.

Exercendo o magistério, desde os 15 anos, pôde dizêr-se, adquiriu, pela experiência e pelo estudo, não só o melhor método do ensino, mas também um saber variado e profundo.

Quer doutrinando sobre a maioria das disciplinas do curso dos liceus — a gramática, o latim, a literatura, a história e a filosofia — quer examinando, em concurso de pretendentes ao magistério, ou comissionado para fazer parte dos júris de exames nos diferentes liceus do reino — a sua competência profissional ficou sempre demonstrada, e o seu nome ileso de qualquer suspeita deprimente.

E' esta uma asserção, que os seus próprios adversários, os officiaes do mesmo officio, não contestaram nunca.

Dos seus conhecimentos técnicos dão testemunho os livros elementares, de que é autôr, e que mereceram sempre não só a aprovação official, mas ainda a adopção nas aulas da instrução pública.

E, note-se bem, Simões Dias não foi simplesmente um professor do quilate, que apontamos; foi um pedagogista distincto.

Conheceu bem a organização do ensino nos países estrangeiros; foi chamado, por vezes, e ouvido em reformas dos estudos; e para lhe atestar a competência pedagógica, ali nos deixou livros de alta importância didáctica, como são — *A escola primária em Portugal, a Instrucção secundária*, de que se fizeram duas edições, comprehendendo o discurso parlamentar na defêza da lei de 14 de junho de 1880, da qual foi relatôr, e a que já nos referimos; a *Theoria da com-*

posição literária, que já chegou á oitava edição, sendo póstuma a última; e a *Pedagogia official*, outro livro recheado de excelente doutrina e larga e proficiente discussão sobre o transformismo liceal de 1895, comparado com as organizações similares no estrangeiro; e por fim campo de batalha, onde se repelem, em nome da sciência as acusações, que um professor do Curso Superiôr de Lêtras ousou fazer ás doutrinas contidas na *História da Literatura Portuguesa*, com menos sciência e apoucada intelligência.

Em resumo: Estes trabalhos, a par de outros, que ficaram dispersos em jornaes, demonstram que a pedagogia moderna perdeu um apóstolo fervoroso, sincero e erudito, que teve decidida influencia no ramo didáctico dos liceus.

X

As Peninsulares

Não obstante o que ahi fica dito acerca da obra literária de Simões Dias, o seu talento poético é que lhe confere o maior título de glória, que temos por imarcescível.

Seremos sempre, como até aqui, em pleno domínio da arte, avêssos a escolas e a propagandistas systemáticos; o que havemos manifestado, por vezes, e ainda ultimamente no prólogo de um livro nosso ¹.

E repetiremos:

Num D. Joan, a espumar de embriaguêz no recanto de uma viela lamacenta, onde se estorce na agonia da morte, sobre a fermentação pútrida do tremedal, um cão pustulento envenenado pela strichnina.

¹ *Horas Perdidas* — Poesias.

municipal — não encontramos poesia, por mais que a procuremos e rebusquemos.

A epopeia e o lirismo esquadrihados na labutação da oficina, donde saem lufadas de fumo escaldadiço, nos hospitaes de infeciosidade viciosa ou na trapeira das gentes de ínfima e infame condição, não os comprehendemos, nem os aceitamos.

Juvenal, Rabelais, Boileau, Gil Vicente, Bocage, Cruz e Silva e outros, que se possam considerar precursôres inocentes do desregramento, que se transformou em seita, nos próprios descomedimentos de frase, não incitavam á perversão, nem condimentavam realismos tórpes; ao contrário, riam ás escâncaras, ou carregavam o sobrôlho, ao desnudar com malícia descritiva certos costumes do seu tempo, simplesmente pâra os verberar e corrigir.

Descrevêl-os seriamente, como estilo e primôr de dição, com o sabôr próprio do acepipe provocadôr, que se transforma em corrosivo dos espíritos fracos ou ignaros, de que se compõe a maioria das multidões, nunca o tentaram sequer, deixando aos alcoices e á bibliografia oculta a propaganda dos vícios e cruêzas sociaes.

Os românticos... êsses ao menos, cuja escola Herculano denominou ideal, verdadeira e nacional, enflorando as suas liras de maldresilva, loiro, mirto e rosas, embora a ficção os tornasse inverosimeis por vêzes, cantavam as flôres, o sol e os campos, as ações nobres e o amôr, as mulheres e a pátria, isto é, tudo que a vida tem de belo, elevado, fortificante.

A obra de arte genial deve sêr, e é sempre, o artista com a sua índole, as suas aptidões, gôstos e temperamento.

Poderemos alistar Simões Dias nas fileiras do romantismo, por índole ou contágio da época, em que primitivamente floresceu?

Embora alguns o tenham dito, nós discordaremos

parcialmente, pois que na compleição dos que nascem artistas, podemos admitir modificações de temperamento e época, mäs pouquíssima ou nenhuma influência de escolas, salvo em composições artificiosas.

O imitadôr e o copista não constituem individualidades geniaes.

Canto como á tardinha canta a brisa
Ao perpassar nas cordas da harpa eólia,
Tal como a vaga sôbre a areia liza,
Ou como a nota, que a gemêr desliza
Por entre as verdes franças da magnólia;
Ondas e brisas, ventos, que passaes,
Levae convôscos pelo ar meus ais!

Môças, que estaes banhando de afrontadas
No Douro e no Genil o rosto lindo,
E vós, ó frescas rosas perfumadas,
Cujas corolas de oiro polvilhadas,
Nas veigas do Mondêgo ides abrindo,
Vinde ouvir as canções do trovadôr,
Vinde comigo suspirar de amôr!

Disse-nos o poeta; e nisso está com o nosso modo de vêr e com a opinião, que dêle formamos.

O ar, que desfere sons vários nas franças do arvorêdo, nas cordas de uma harpa ou nas de uma lira; a corrente, que murmura; a onda, que desliza sôbre a areia; a florita, que rebenta entre sarçaes; a rosa, que espanaja galas em jardins cuidados; o rosmannho e a macela, que florescem á borda dos caminhos agrestes, as aves, que pipilam ou gorgêam — porque fazem tudo isso?

Porque obedecem á ordem infalivel e invariavel da grande mãe, que os creou... a naturêza.

Que escolas, que sistemas e que erudição possuia o rapazito da Bemfeita, quando, em vêrdes e incul-tos anos, cantava como as aves, engendrando versos desataviados?

Cantava... cantava, porque os seus cantares eram um dom espontâneo da naturêza, que o infantara.

Perdêram-se êles nas anfractuosidades da alpestre serrania da Bemfeita?

Não perdêram; deram a origem e a revestidura essencial ás canções e trovas de maior notoridade popular, impressas mais tarde; as quaes, na própria feição erudita, nada despiram do seu sabôr primitivo.

Participando um tanto do lirismo de Espronceda, da melancolia de Lamartine e do cançonismo de Beranger, Simões Dias tem um cunho de originalidade sua própria.

Não daria, na idade média, um cantadôr de gestas, mãs seria um sublimado trovadôr, zagal erradio nos alcantís das serranias e nas veigas floridas; bandidista amorôso nos ajuntamentos das donzelas campesinas, em serões do lar, nos terreiros festivos ou no adro do presbitério; cantôr apaixonado das damas castelãs, enamoradas do luar resplandecente, polvilhado, alta noite, como em diadema, sôbre a gorra emplumada do trovadôr, que desfiriria, a distância, sentado nas escarpas, enquadradas de arbustos odoríferos, o seu plectro inspirado.

Em pleno eruditismo do século XIX, descontadas as diferenças evolutivas, o nosso conterrâneo é o representante legítimo da trova popular dos tempos medievales, poeta provençal da época moderna.

Senhõra dos meus cuidados
 Dos meus cuidados senhõra,
 Por que não dás que passados
 Sejam meus males agora
 De há tanto principiados?

Senhõra, que te recostas,
 No peitoril da janela,
 Abaixa os olhos á rua,
 E vê quem passa por ela.

Não é o sol, que passeia,
 Nem a réstea do luar,
 São dois olhos, que navegam
 No rumo do teu olhar.

Manda apagar as estrélas,
 Manda recolhêr a lua;
 Só quero por testemunhas
 Os lagêdos d'esta rua.

Mal haja o amôr, que dá penas,
 Ardente amôr, que me abraza!
 De que me servem as penas,
 Se me falecem as azas?

Se em vêz de penas de amôr
 Fôsem pennas de voar,
 Suspiros, que o vento leva,
 Não se perdêram no ar.

Ahi têm o trovadôr, na última das suposições,
 que atraz deixámos marcadas.

Raia o luar, a castelã assoma á gelosia escusa, e
 o poeta enamorado desfaz-se em versos de menestrel.

*

* *

Simões Dias, êle próprio, cremos que por se vêr,
 algumas vêzes, desacertadamente aquilatado em críticas
 breves delineadas sôbre o joelho, viu-se obrigado,
 na advertência da 4.^a edição das *Peninsulares*, modestamente e como lhe cumpria, a acudir pelo seu crédito.

Ouçamol-o:

«O breve prólogo da primeira edição d'êste volume abria pela seguinte quadra de A. F. de Castilho:

« Ao menos a mocidade
Tôda de amôr se enfeitice
E deixe em terno legado
Saudades pâra a velhice. »

« Servia-lhe de fêcho est'outra de Bocage :

« Incultas produções da mocidade
Exponho a vossos olhos, ó leitôres;
Vede-as com mágua, vede-as com piedade,
Que elas buscam piedade e não louvôres. »

« Hoje que sobre a primeira edição passaram mais de trinta anos, ainda essas quadras reproduzem á justa o pensamento, que presidiu á publicação primitiva em 1863, á reproducção em 1867 e 1876 e á reimpressão actual d'êstes versos dos dezoito anos, ingénuos e despretenciosos como a idade que os produziu.

« Êste livro representa com efeito uma fase da mocidade do autôr; o seu valôr, portanto, é tôdo pessoal. Mäs sendo fóra de dúvida que na direcção dos esforços individuaes se anunciam os factos de interesse geral que marcam as grandes épocas da Arte, facilmente se observará no exame das peças d'êste volume a tal ou qual tendência do espírito poetico português pâra despedaçar as peias do convencionalismo romântico, e retemperar-se nas aguas lustraes da inspiração popular, a única verdadeiramente humana e sincera, como a comprehendêram entre nós Luis de Camões e fr. Agostinho da Cruz.

« Esta evolução deu-se na decada de 1860 a 1870, e foi precisamente nêsses dez anos que o autôr d'êste livro compôs a coleção das suas obras poéticas, na maior parte versos amorosos e elegiacos, de carácter subjectivo, como aliás os faziam os menestres do tempo, e hão de fazê-los sempre os poetas meridionaes, enquanto durar o bom sol da Península que tão generosamente os ilumina e aquece. »

E é assim. Entretanto nêsses dizêres parece-nos descobrir uma ponta de receio de que alguém pudesse increpal-o pela feição simples e musical dos seus versos, que é ahí que predomina a característica do seu mérito.

Êsse receio, se existe, não tem fundamento, embora os buzineiros das modernas seitas, que por ahí cabriolam dizêres abstrusos, falhos de gramática, de metro, de harmonia e senso comum, não pensem em que a arte, salvas pequenas conveniências evolutivas de anos e ocasião, é eternamente môça e sempre a mêmna, quando lhe assistem o sabêr, a inspiração e o génio.

Já o autôr do *Hyssope*, há tanto, dizia, no canto v, que, se os varões antigos resuscitassem :

« Os novos idiotismos escutando,
A mesclada dição, bastardos têrmos,
Com que enfeitar intentam seus escritos
Êstes novos, ridículos autôres
(Como se a bela e fertil lingua nossa,
Primogénita filha da latina,
Precisasse de estranhos atavios!)
Súbito certamente pensariam
Que nos sertões estavam de Caconda,
Quilimane, Sofala, ou Moçambique;
Até que, já por fim desenganados
Que era em Portugal que os portugúeses
Eram tambem os que costumes, lingua
Por tão estranhos modos afrontavam,
Segunda vêz de pejo morreriam. »

Bem fêz, por tudo isso, Simões Dias em levar a efeito uma edição revista e arrumada por êle, definitiva, pâra que fanatismos de admiradôres ou futuros empresários de minúcias abandonadas não venham dar nova disposição á sua obra, nem acrescentar-lhe, como se tem feito, em edições gananciosas, títulos, dizêres e composições completamente condenados pelo autôr.

Sabemos bem que fóra dêsse livro, não resta coisa nenhuma desperdiçada.

E' celeiro, de que não há grãos perdidos, afirmá-mol-o categoricamente.

De quatro volumes, que constituíam as *Peninsulares*, com diversos títulos, resultou um de económica grossura, onde se não alteraram elementos primitivos, em que seria imprudente tocar, mäs onde se praticaram alterações, aqui e acolá, como era de esperar, e se estabeleceu por fim uma ordem completa, reformando antigas denominações, consoante a índole dós escritos.

Essa nova disposição abrange quatro partes, que se chamam — *Elegias, Canções, Odes e Poemas*, composições mais ou menos refundidas, nem sempre com extrema felicidade, como por mais de uma vêz advertimos ao autôr, pois era preciso não medir pela craveira do homem feito, desiludido e maguado, os versos do rapaz inspirado, exuberante de mocidade e crenças.

Na *Hóstia de Oiro*, por exemplo, que denuncia um certo predicado irónico, as passagens vestem agora trajos do último figurino, onde entram frisantes alegorias políticas, desmerecendo muito da composição primitiva.

Nas *Odes* figuram páginas de interesse objectivo, onde se comprehendem vãos d'alma de um verdadeiro crente e sentimentos de melancolia lamartiniana, que ascendem até á poesia filosófica, a cuja classe pertence o sonêto *A Jesus*, que serve de portada a essa secção interessantíssima, e que não podemos deixar de trasladar pâra aqui:

Chamaram-te a esperança do futuro,
E Tu, meu bom Jesus immaculado,
Sentias-te feliz, embriagado,
Nessa doce ilusão d'um sonho puro.

Atravessaste a vida, humilde, obscuro,
A fantaziar o advento d'um reinado,
Que nunca ninguem viu realizado,
Traço ideal de luz num fundo escuro.

Fôste no mundo a cândida inocencia,
O símbolo do amôr e da piedade,
Da perfeição, emfim, a última essencia.

Mäs pâra que serviu tanta bondade
E tanto padecêr, se a Consciência,
Qual d'antes era, é cheia de impiedade?

A clara rudêza do nosso carácter tem-nos feito desviar, por vêzes, do cerrado panegírico, impróprio de nós e do nosso propósito. E assim notaremos que, sendo fiel devoto da purêza de fórma, embora material e não essencial, quizéramos encontrar na metrificacão de tōda a obra mais propositado intercalamento do verso agudo com o grave e menos frequênciam, na rima, da toante pela consoante.

Êste senão, tōdo superficial, não merece valiōso reparo, se atendêrmos ao carácter popular, que não cura de fórmas, e ao jôrro do sentimento inato, que não admite pêias.

Se considerarmos as *elegias* e as sátiras em separado, poderemos até encontrar nelas certo tom melancólico e ao mêsmo tempo zombeteiro usado por Camões; quanto ás primeiras, em composições como as que adiante citamos em extracto; e, quanto ás segundas, nos poemêtos *Milagre de Lourdes, A Espada do Guerreiro* e até em muitas passagens da *Hóstia de oiro*.

Nas *elegias*, como expressões de íntima máguia, vê-se claramente realizado o consêlho dado por Gœthe ao que lhe pedia um assunto pâra versos.

— «Faze um poema da tua dôr» — respondia o poeta do *Fausto*.

E Simões Dias foi, amiudadamente, o pelicano da

sua alma, de cujo sangue se formaram as suas melhores elegias.

Nas *Elegias* e nas *Canções* é que resalta muito nítida a feição peculiar do poeta, a que serviu de instrumento a inspiração nativa, entrelaçada com a verdade e o amor.

Embora, pela cultura do verso popular, queiram colocar Simões Dias a par de autores selectos e venerados, a quem se atribuem predicados iguaes, nós continuaremos sempre a considerá-lo, pela documentação plena dos seus versos, como individualidade distincta e inconfundível.

E, note-se, que nós encontramos nos seus versos pelo menos duas feições salientes, que, obedecendo á mesma espontaneidade de colorido, são, pelo tema e pela dição, um deliçioso e grande contraste, que só os artistas de raça, isto é, os que a arte bafejou no bêrço, chegam a realizar superiormente.

E' isto que repele uma aliança estranha; é nisto que está, a nosso vêr, a inconfundibilidade do carácter poético do buriladôr das *Peninsulares*.

Os tons vários, que o verso popular, a redondilha menor, lhe faz extraír do plectro, elevando-se ou baixando-se á gama, que muito bem lhe apraz, são estremados.

Nêles descobrimos a prova de uma opinião, que de há muito professamos; e vem a ser que, sejam quaes fôrem as afinidades e parentêscos das outras línguas, em nenhuma realça e brilha o sete-sílabo como na portugueza, onde êsse verso popular e lendário geme, troveja, suspira, zomba, grita, sorri e canta, sejam quaes fôrem tambem os contrastes do assunto.

Vejamos, ligeiramente, por que nos vae faltando o espaço, diversos diapasões em cantares do mesmo verso.

Sorrimos com a ligeira toada das trovas do *Teu lenço*.

O lenço, que tu me deste,
Trago-o sempre no meu seio,
Com medo que desconfiem
Donde este lenço me veio.
.....

Alvo, côr da açucena,
Tem um ramo em cada canto;
Os ramos dizem saudade,
Por isso lhe quero tanto.
.....

A scismar nêste bordado
Não sei até no que penso;
Os olhos trago-os já gastos
De tanto olhar para o lenço.

O mesmo tom nos enfeitiça na *Tua roca* :

Meu amor, quando acabares
De espiar a tua estriga
Se ouvires por alta noite
Soluçar uma cantiga,

Sou eu, que estou a lembrar-me
Da tua divina bôca,
E penso que em mim são dados
Os beijos, que dás na roca.

e na *Andaluxa* :

Eil-a que passa! a mantilha
Dêsde a cabeça á cintura
Dá-lhe o aspecto de uma santa
Em primorosa moldura.
.....

E a rosa rubra suspensa
Do penteado singelo,
Como estrela incendiada,
Presa ali por um cabelo?!
.....

Ela vae só, más parece
Que um regimento a acompanha!
Passa a flôr da Andalusia!
Passa a formosa de Hespanha!

Gememos doridamente nas estrofes do *Moço e Ve-
lho*, escritas com sangue do coração:

Nas tristes faces cavadas
As rugas lavraram fundo:
Olha que tenho sofrido
Como ninguem neste mundo!
.....

Eu ando como um somnâmbulo
Pelas estradas a mêdo,
Sempre a pensar no motivo
Porque envelheci tão cêdo.

na *Volta do Peregrino*:

Ai! quem me dera agora
A cândida innocencia
Dos tempos, que sorriram
A minha alegre infância!

e finalmente na *Melancolia*:

Luz do amôr, astro jocundo,
Gasto a vida na ansiedade,
Perguntando a Deus e ao mundo
Se és um sonho ou realidade.

Sorrimos ainda no *Teu manjerico*, no *Teu caná-
rio*, na *Tua liga* e noutras composições de igual fei-
ção, tanto de encantar:

Quando te vejo entretida
Tosquiando o manjerico,
Horas e horas me fico,
Alma em êxtasis perdida.
.....

De que te serve um canário
Sempre a gemêr na prisão?
Prisioneiro voluntário...
Só meu pobre coração.

Encanta-nos a musa travêssa nos rendilhados ver-
sos *A uma vizinha*:

Mal sabes, minha vizinha,
Vizinha dos meus pecados,
Que lances amargurados
Por tua causa pencei,
Quando te vi á varanda,
Que fica d'aquela banda
D'onde nascia o luar,
Á meia noite, falar
Com um vulto, que ali anda
Constantemente a rondar!

Sentem-se os olhos húmidos de lágrimas no *Adeus*
e nas *Brisas do norte*:

Brisas do norte, felizes
Mais do que eu sois vós agora;
Vós cantaes ledas no espaço,
Emquanto minha alma chora.

O poeta folga ainda, e tece madrigaes de uma
frescura especial e de outro dizêr tão diverso no *Dra-
ma novo*, poemêto, que só por si podia dar nomeada
a qualquer poeta novíssimo dos poucos, já se entende,
que escrevem em português e pâra portuguêses; e
mostra ainda outra faculdade creadôra, ao tracejar da
redondilha indicada, no *Ramo de flôres*, tôdo repassado
de saudades olorosas:

« Aceito-o, senhõra minha,
Como aceita o moribundo
A santa cruz sôbre o peito,
Ao despedir-se do mundo.

« Aceito-o, como se deve
De aceitar na cova escura
Os goivos, que mão piedosa
Nos vae pôr na sepultura.

Na *Silva de Cantigas*, finalmente, é onde o verso popular de Simões Dias fulgura tão rico de naturalidade, conceito e graça, que não há encontrar-lhe rival.

Apreciemos a amostra :

Meu amôr, se andas perdido,
Sem sabêr quem te perdeu,
Nos meus olhos tens a escada
Por onde se sobe ao céu.

Se eu soubesse que te rias
Quando eu suspiro e dou ais,
Tirava os olhos da cara,
Pâra nunca te vêr mais.

Quando foi á despedida,
Quando te apertava a mão,
Dobrou o sino a finados :
Morria o meu coração.

Tets olhos são mais escuros
Do que a noite mais fechada,
E, apesar de tanto escuro,
Sem êles não vejo nada.

Desentranhem-nos da alma popular versos mais finos e conceituosos do que êsses, que nós quebraremos a penna, com que traçamos estas linhas, vanglória á parte.

E por aqui nos cerramos, que mais espaço nos não sobra.

Folheiem-se, com alma de sentir, essas líricas suavíssimas, ora impregnadas de uma melancolia e tristêza terníssimas, ora engrinaldadas de bucolismos e arcarias, entretecidas da madresilva dos ribeiros e das flôres alvíssimas dos estevaes beirões; saboreie-se a lêtra da *Senhõra de pedra*, da *Hera e o olmeiro*, da *Barca da vida*, do *Pensamento*, da *Xácara de D. João*, da *Branca flôr do meio dia*, do *Sábbado*; leia-se a *Musa dolorosa*, com que abre êste livro, e os soleníssimos versos da ode *Aos párias*; pese-se, oiro e fio, tôda a valia das rimas christianíssimas, difundidas largamente em algumas odes e poemas, e ver-se-ão, com perfeita nitidêz, as duas feições distinctas do poeta inconfundivel: trovadôr, ao bandolim, no primeiro plano; elegíaco e pensadôr, no segundo.

*

* *

Se nos arreceássemos de errar na exposição dos nossos juizos, podíamos recorrêr a estranho auxílio, por exemplo, á série de opiniões críticas, que o editôr de um dos livros de Simões Dias, *As mães*, 1877, deu em apêndice, firmadas por avultado numero de escriptôres ácerca das *Peninsulares*; e diríamos que, ainda há pouco, na quarta divulgação de uma parte delas, o então chamado *Mundo Interiôr*, a imprensa letrada se desatou em louvôres.

— São versos, que se lêem sempre com prazêr, porque pertencem á classe dos que não envelhecem, — dizia Barros Gomes.

— Tu serás um dos poucos, que ficam — escrevia João Penha.

— As suas poesias têm o condão de revivêr em tôdas as primaveras — afirmava Ramalho Ortigão.

— Simões Dias é um dos maiores poetas de toda

a literatura portugêsa. Dante assignaria os seus tercetos, — exclamava Trindade Coelho.

— Graças a Deus que ainda há nesta terra alma, talento e português! — acrescentava Bulhão Pato.

Más... pôra que citar apreciações?

De facto, essa poesia terna, amorosa e tão acentuadamente nacional e humana não passará de moda; não envelhecerá nunca, porque tem o sêlo da belêza eterna. Entretanto, acima de tôdos os juizos, nossos e alheios, está o juizo do pôvo, que, em rapsódias de larga vulgarização, espalha pelos cegos ambulantes e pela gente dos campos os versos do menestrel, de quem não sabe o nome.

O melhor crítico, pois, o mais entendido no assunto é o pôvo, que confunde, com os seus, os cantares eruditos de Simões Dias, os espalha de terra em terra e os vae introduzindo nos seus cancioneiros, como se fôram obra sua!

Sucede tudo isso nas duas Beiras e noutras províncias; no Algarve, por exemplo, o erudito e falecido Estacio da Veiga encontrou quadras das *Peninsulares*, as do *Teu lenço*, por exemplo, como se fôsem de criação vulgar.

Ainda recentemente o *Cancioneiro de músicas populares*, inseriu, a pag. 276 do 3.º volume e sôb n.º 318 das canções, o *Moribundo*, uma das estrêas do nosso poeta, seguida desta nota:

« Esta canção foi recolhida em Unhaes da Serra, onde, em 1870, e na Bemfeita (patria do autôr, como sabêmos) era cantada pelos cegos, de quem a aprendeu o pôvo daquêle e de outros lugares ».

Esta assimilação é a iniludível consagração do alto senso estético, que repassa tôda a obra de Simões Dias; o que lhe dá um valôr inestimavel.

Quando um poeta, como êle, chegou a traduzir em fórmulas espontâneas, quase inconscientes, profundamente populares, o espírito tradicional da sua raça,

corporizando em versos a alma anónima da multidão, êsse poeta, que, com tanta justêza, soube interpretar o sentimento colectivo, conquistou um lugar indisputavel na história literária do seu país, a que pertence mais que a si próprio.

As escolas, que se atropelam e passam, nada têm nem terão que vêr com quem está, em efigie de alêmtúmulo, no seu pôsto consagrado, assistindo ao desfilar dos que chegam.

XI

Solitário e triste

Carácter aparentemente fleumático e reservado, Simões Dias, cuja compleição musculosa parecia forte, já combalido, moralmente, por desgostos políticos e profissionaes, recebia em pleno coração, seis anos depois da sua chegada a Lisboa, em 19 de julho de 1892, o mais violento e profundo desastre de tôda a sua trabalhosa vida.¹

Tendo edificado, no ano anteriôr, dêside os alicerces, um lar doméstico, com os confôrtoes, que lhe proporcionavam os seus modestos recursos pecuniários, na rua Estefânia n.º 72, viu-se coagido a desfazê-lo, no dia citado, alugando em seguida o prédio a estranhos, e indo refugiar-se em casa alheia, longe dali, com sua filha, que, três anos depois, se apartava dêle, por têr casado com seu primo, Carlos, estudante em Coimbra, onde era obrigada a ir residir.

Pôra escondêr a sua suposta viuvêz, e fugir ao convívio mundano, que o não prendia, nem lhe des-

¹ Aludimos ao seu desquite conjugal, com separação de pessoa e bens, ultimado por escritura de 29 de novembro do dito ano, inserta nas notas do tabelião Barcellos.

pertava simpatias, Simões Dias, então, fez construir, no extremo do amplo e alongado quintal da Estefânia, uma casita, composta de rez do chão e primeiro andar, muito banhada de sol e cercada de árvores e flôres, unicamente, para dormida e descanso dos dias feriadados.

Na solidão daquela tebaida, tanto ou quanto apropriada ao alquebramento da sua estatura moral e física, lhe avaliámos por muitas vezes, apesar de disfarçada em aparências corajosas, a larga efervescência do seu íntimo sofrimento.

Calando incidentes dolorosos, mãs aludindo ao estado patológico do troveiro inimitavel das *Peninsulares*; ao despremiamento político, á cançosa peregrinação de vida, e á retirada e escondida habitação da Estefânia, onde se refugiara — Candido de Figueiredo, êsse outro poeta e servo tambem de uma gleba fatigante, que parece fatídica e infernalmente inventada para os grandes engenhos, êsse trabalhador emérito, que arvorou mais alto do que ninguem o pendão reformador dos estragos introduzidos pelos inscientes no tesoiro da nossa bela língua — no *Reporter* de 4 de novembro de 1897, escrevia o seguinte, que muito a propósito vem para o caso:

« Quando seguia desafogadamente a sua estrada, deparou-se-lhe a política, fêmea arrebicada e manhosa, que, como as ambulatrizes da velha Roma, percorre praças e ruas, a recrutar incautos para o seu tricínio, e recebeu dela palavras de mel e olhares de fogo. Calou-se a guitarra de Almaviva, e o poeta lá seguiu a fêmea por vielas esconsas. Seguiu-se a noite, e perdi-o de vista.

« Quando, ao outro dia, alguém supusesse vê-lo surgir distante, nalgum dos pontos mais elevados e mais arejados de Suburra, vê-lo-ia retroceder e voltar ao ponto de partida, de pés pisados e olhar triste, receando voltar-se para trás, que, se o fizesse, bem po-

deria convertêr-se em estátua de sal, como a mulher de Loth.

« E porque voltava êle, desalentado e triste? Porque, na sua qualidade de poeta, absorto nas claridades do seu mundo interiôr, não teve olhos para ver a trilha da sereia, e, em vez de tomar pela estrada do Capitólio, achou-se num escuro e apertado *cul de sac*.

« Resolvido a penitenciar-se, fez-se trapista, recolhendo-se á sua cela do bairro Estefânia, onde ninguem o conhece e ninguem o vê, e donde sai apenas em dias de prégação, para doutrinar meninos e imergir a capa nas aguas lustraes do trabalho independente e útil.

« Concluida em cada dia a sua doutrinação profícua e san, volta á sua cela, onde as musas o embalam, segredando-lhe tentações, que a *outra* não conhece.

« Em volta da cela, há trepadeiras e limoeiros; e quando, de manhanzinha, as avesitas ali vão chilrear, é para compôr a música das estrofes, que vão saindo da alma do poeta.

« Essas estrofes dilatam-se então e, difundindo-se como uma evaporação perfumada, vão cair na alma popular, como gôtas ambrosiacas de estranha e pura suavidade.

« Daqui vem que Simões Dias, poeta genuinamente peninsular, pelo seu temperamento e pelas vibrações da sua lira, é de hontem, é de hoje, e será de ámanhan, emquanto na alma peninsular ecôe essa música estranha e immortal, que os homens chamam poesia.»

Sim. Conforme supôs o notavel filólogo e poeta Figueiredo, as aves com o seu chilrear matinal compunham a música das estrofes, que a alma do troveiro peninsular ia engendrando; mãs estas não se transmittiam ao papel, porque, se a alma sentia e divagava,

o cérebro enrugado e entristecido gravitava nas escuridades de um eclipse.

De facto, não há versos notáveis dessa época.¹

Simões Dias, a ocultas, talvez pela ante-visão de um acabamento próximo, trabalhava na emenda e revisão da sua obra poética já conhecida e consagrada; o que se poderá denominar testamento literário; e, ás claras, escrevia muito, febrilmente, ao colaborar na *Educação Nacional*, do Pôrto, e em outras fôlhas de ensino e lêtras, onde se acumulam escritos, que formarão volume póstumo, como é de prevêr. 254

Cumpre notar, como incidente de rigorosa narrativa, e até pãra satisfação íntima e compensação dos nossos sentimentos affectivos, que Simões Dias, habitualmente, dedicava o primeiro dos dois feriados semanaes, a quinta-feira, aos trabalhos literários; e o domingo, passado o meio dia, a visita á nossa casa, onde, participando do nosso repasto principal e da intimidade, de que, a tódos os respeitos se tornou merecedôr, se sentia afastado do trato social, de que fugia, expandindo-se, e gracejando por vêzes com aquela pontinha de ironia cáustica, com que tão bem sabia colorir e satirisar os aleijões da maldade, hipocrisia e patetice do género humano.

Quem se não lisonjearia com tão extremada preferência?

¹ Os últimos, derradeiro canto de cisne, resumem-se em quatro quadras, compostas, um mês antes de morrer, a 4 de fevereiro de 1899, distribuidas no festival do teatro *D. Maria*, consagrado a Garrett, e parodiadas por nós na *Educação Nacional*, número comemorativo da sua morte, conforme se pôde vêr na *Necrologia*, que vae no fim das *Figuras de Gêssô*, prefaciadas por nós, e publicadas em 1906.

XII

Revisão dás Peninsulares*

Estamos a vêr ainda, com os olhos de uma saudade infinita, o seu vulto melancólico, um tanto inclinado por uma leve curvatura de cabeça e lentidão de movimentos; testa espaçosa e scismadôra, cabelo curto e erguido na frente, nariz um pouco aquilino, faces ligeiramente cavadas, olhos fundos mãs vibrantes, bigode e môsca grisalhos; rôsto oval e simpático, trajar modesto e um tódo bem conformado.

Estamos a vê-lo, o erudito contendôr das nossas amigaveis pugnas literárias, o comensal dos jantares domingueiros, o símile de tantos casos da nossa vida; estamos a vê-lo, sentado naquela cadeira, que parece trajar luto, dêsde que êle a deixou, junto do bufête central do nosso gabinête de estudo, voltado pãra nós, que abancávamos ao pé da secretária, onde estamos a tracejar estas linhas, encostado ao braço direito, ou a fumar, ou a preparar-se pãra isso, apertando pachorrentamente o cigarro e anediando-lhe a ponta, antes de o levar aos lábios.

Num domingo de maio de 1898, participava-nos êle daquêle lugar:

— Apesar da minha má disposição de espírito me não dar muito pãra isso, estou empenhado na revisão, emendas e agrupamentos das minhas *Peninsulares*; tenciono, por economia, convertêr os dois volumes num só.

— Edição definitiva, como hõje se diz?

— Exactamente. Hei-de declarar que, fóra dessa edição, nada de aproveitavel deixarei disperso, pois não quero, embora valha pouco, que procedam comigo como com o João de Deus, numa edição pós-

tuma, a que juntaram peças, de há muito despresadas e condenadas por êle.

— Bem entendido, sem dúvida.

— E tenho que fazêr-te um pedido a êsse respeito.

— Dirás.

— A resenha biográfica e o estudo crítico, que não-de precedêr os versos, serão escritos por ti.

Nêste ponto da conversa, pareceu-nos que não tínhamos ouvido bem, pois que de mais sabíamos de elevadas e mui sabedôras entidades, que de há muito lhe solicitavam apontamentos pâra escritos congêneres, que refundissem e ampliassem o que da sua pessoa e obras se tinha dito.

Gargalhámos pois sôbre o estranho pedido, considerando-nos mero amadôr de lêtras, desprezado de confrarias e escolas literárias, e mal avindo com o que a maioria da gente chama progresso e sabedoria; e terminámos pela negativa.

Simões Dias levantou-se, deu alguns passos pâra um e outro lado do gabinête, tregeitou, e, defrontando comnôscos, contraditou-nos abertamente, declarou que lhe agradava a nossa atitude de ouriço-cacheiro, aduziu benevolências demasiadas a nosso respeito, em larga frase; e concluiu, a uma nova recusa nossa:

— Sim, sim. Será tudo o que tu quizeres. Não prescindindo da tua penna, comtanto, bem entendido, que, ao escrevêr, te esqueças da nossa amizade. Vaes partir pâra o teu Pombeiro. Durante os meses da tua ausência, prepararei tudo pâra o prelo e pâra o teu exame, a que, á volta, terás que procedêr.

— Homem, vê que...

— Quando mais razões não houvera, predominaria o ardente desejo de vêr o teu nome ligado ao meu.

Depois disto, tôda a resistêcia era inutil e mal cabida.

O nosso regresso da província efectuou-se, quase ao fim do ano.

Ao visitar-nos, uma e mais vêzes, durante um mês, e até nos colóquios domingueiros, Simões Dias não nos falou do assunto; e nós, por melindre facil de percebêr, calámo-nos igualmente.

Queixava-se de um mau-estar geral, que attribuia a defluxos e reumatismo; percebia-se-lhe, de encontro ao colarinho, um batêr violento das carótidas entumescidas.

Nós julgávamos que apenas se tratava de uma dilatação própria das pessoas, que praticam o canto, ou se entregam a bastas parlendas e oratória.

Num domingo do próximo janeiro, Simões Dias, aparentemente satisfeito, entrou-nos em casa, trazendo um rôlo volumoso de papeis, e disse:

— E' chegada a occasião. Se cuidaste que estavas livre de mim, enganaste-te. Aqui tens, como pediste, tudo o que pude guardar das louvaminhas, que me têm sido consagradas. Bem sei que não subordinarias a tua opinião ao que os outros dizem, só porque o dizem; em tôdo o caso, liberta-te de louvaminhas; corta a direito. Acharás tambem já impresso mais de meio volume das *Peninsulares*; o que já não é mau subsídio pâra o teu estudo e exame. Aqui está.

— E o resto... quando virá?

— Pelas provas, que me são dadas com certa regularidade, calculo que a obra estará completa em fins de fevereiro. O teu escrito, paginado á romana, irá no comêço da brochura; e o final do teu exame será feito sôbre as provas, que te serão fornecidas.

XIII

Doença e morte

De facto, o trabalho tipográfico seguiu ininterruptamente.

Entretanto a saúde do grande poeta declinava mais e mais, era evidente a prostração das forças vitais, manifestada num extremo cansaço.

Ultimamente subia arquejante as nossas escadas, ajudado por nós, ou arrimado ao braço de uma criada nossa em ocasião, em que o não presentíamos, pois que teimava sempre o nosso querido e inolvidável amigo em visitar-nos, com a regularidade do costume.

Queixou-se de que a emenda da *Hóstia de Oiro*, conhecido poema humorístico, com que fêcha o livro, lhe saíra desageitada, como era verdade; agradeceu-nos, enternecido, o nosso trabalho, que lêra nas provas, alcunhando-nos de amigo demasiado benévolo, quando nos negámos a eliminar alguns pontos laudatórios.

A breve trêcho, por instâncias nossas e em vista do seu melindrôso estado, teve que recolhêr ao leito, não consentindo que eu noticiasse o caso em Coimbra, para que sua filha e genro se não assustassem.

Acompanhado, noite e dia, por uma excelente enfermeira e pelos nossos cuidados, foi cercado de todos os recursos necessários; no entanto, a medicina denunciava uma fatal dilatação na aorta, cuja consequência era o aniquilamento do amoroso e infortunado homem de letras.

Horas antes da crise final, á entrada da sua longuíssima agonia, quando a lucidez do espírito se começava a turvar, ainda êle nos perguntava, a espaços, pelo andamento do seu livro, que ia sêr remetido ao brochadôr.

Terminadas essas poucas horas, perdeu a razão, a que sucedeu um cruciante delírio, uma agonia de sessenta horas, a maior das muitas, a que infelizmente temos assistido: pelo que, á volta de nós, se levanta largo cemitério, onde se há afundado quase tudo o que temos amado na vida, parentes, amigos, família.

Nos estos da sua turvação, comtudo, ao espírito do desvairado acudia ainda, como demonstração miraculosa de um filtro indestructível da sua naturêza privilegiada de poeta, a vaga lembrança da sua musa predilecta.

— Filha de Apolo! — tartamudeava o ilustre moribundo, que nas vascas da morte talvez avistasse largos intermundios de luz — Filha de Apolo! ela... é tão... bonita! O' formosa filha de Apolo!

Êste significativo chamamento, invocação divina, que parecia acompanhada de rápidos sorrisos, na hora derradeira da vida mundana, simboliza a organização especial dos verdadeiros poetas, angélicos sonhadôres, que vivem pelo espírito numa esfera rutilante de scintilações, que o comum da humanidade não concebe, nem idealiza, nem comprehende.

Na extrema escuridade espiritual de Simões Dias não houve, nunca mais, vislumbres de luz.

Quando a filha, prevenida por telegrama nosso, se lhe abeirou do leito, já não pôde sorrir-lhe; e ás 11 horas de 3 de março do citado ano de 1899, na rua Estefânia n.º 2-A, exhalava o último alento.

A' noite, propalada a notícia, os académicos, seus discípulos e admiradôres, revezavam-se lacrimosos, na camara ardente, junto do gloriôso mestre; e no dia seguinte, dia borrascôso e sinistro, com muitos membros do professorado, homens de letras e outros, acompanhavam-no ao cemitério oriental, onde ia sêr provisoriamente depositado em jazigo de um amigo nosso, até se realizar a trasladação, que mais tarde se efe-

etuou, para Coimbra, onde jaz no túmulo de família, e cemitério da Conchada.

Não houve discursos, á borda da sepultura, porque a penumbra, a que se acolhia, em vida, o modesto sabedôr, desde que virou costas á politiquice nacional, não dava aso a espalhafatos gananciosos, muito do gôsto da parlapatice oratória, que, fingindo prantejar os mortos, discursa para fisgar os vivos.

Apraz-nos crêr, e isto faz bem ao nosso espírito, que o mau tempo concorreu para que Simões Dias entrasse no jazigo lisboêta sem palavras sentimentaes de colegas, amigos e admiradôres, embora isso prove ainda o egoismo e ingratidão desta nossa tão repugnante humanidade.

O parlamento, porém, três dias depois, a 6 de março, por proposta da presidência, occupada então pelo Dr. Simões Ferreira, a quem se associou o ministro da justiça, Dr. Beirão, em nome do governo; Ressano Garcia pela maioria e João Franco, em nome da minoria regeneradora, proclamaram por unanimidade um voto de sentimento, de que se deu parte á família do extincto.

Por iniciativa nossa e representação escrita,¹ a

¹ Esse escrito dizia assim:

— Sendo honra e timbre das gerações modernas prezar e glorificar o nome dos que, pelas suas obras de sciência, letras, artes e rasgos de patriotismo, se elevam acima da vulgaridade, honrando a pátria, que os viu nascêr; e sendo essa obrigação mais de prevêr pelas autoridades concelhias da naturalidade dos grandes homens — peço eu licença para lembrar que os conterrâneos do doutor José Simões Dias, poeta inconfundível, trovadôr provençal dos tempos modernos, professôr e pedagogista abalisado, literato profundo, escritôr correcto e oradôr parlamentar, lhe devem honrar a memória, de uma maneira duradoura.

Esta câmara já deu excelente prova dos seus sentimentos, mandando lavar numa das suas actas um voto de pesar pela perda de homem tão modesto como sabe-

câmara municipal de Arganil, votou o seu pêsame, resolvendo, como lembrávamos, dar á rua central, que vae da praça á igreja, o nome do poeta, e mandar colocar na casa familiar da Bemfeita uma lápide comemorativa, coisas que, apesar de muitos anos decorridos, os vereadôres de então não cumpriram nunca, provavelmente porque, não comprehendida nem avaliada e por tanto esquecida a grande obra poética, literária e pedagógica de quem foi honra e lustre do concelho arganilense, Simões Dias já não podia livrar rapazes de soldados, empregar jornaleiros, solicitar, e obtêr cargos públicos.

Do que, ultimamente, outra casta de gente camarária fêz, ainda assim apenas pela maioria de um voto, o do padre presidente, que no seu faciosismo só conseguiu arrebanhar metade da votação dos colegas, não nos occuparemos, por tédio.

Apesar disso, quando dos ossos dos pelotiqueiros da mesquinha, faciosa e nauseabunda politiquice lá do sitio e de outras partes condignas já não existir o menor resquicio de pó, o nome do abalisado escritôr ainda será mantido e glorificado.

Sirva isto de consolação aos que engulham com a sordidêz, ignorância e maldade dos nossos semelhantes, em quem assentam êsses predicados.

A imprensa, distinguindo-se os números especiaes e comemorativos do *Gabinete dos Repórteres e Educa-*

dôr. Sendo porém a estatura do falecido digna de maior acatamento, pois que Simões Dias representa uma glória dêste concelho, vinha eu propôr, como conterrâneo e amigo das honrarias do mêsmo concelho, se isso me é permitido, que a uma das principaes ruas de Arganil se dê o nome do illustre môrto, e se mande colocar na Bemfeita e casa, onde viu a luz, uma lápide comemorativa do seu nascimento e morte. Honrando Simões Dias, o digno município arganilense honrar-se-á a si próprio, dando um alto exemplo, que decerto servirá de estímulo a futuros beneméritos.

ção Nacional, celebrou, sentidamente e em larga cópia, o lutuoso acontecimento, que representava uma perda nacional¹; e nós, á pressa, sôb a dolorosa pressão de espírito, facil de avaliar, juntávamos, como *fôlha solta*, á edição definitiva das *Peninsulares*, que o autôr não chegou a vêr brochadas, os seguintes períodos, tomados ainda agora pâra fêcho desta resenha:

Eu andô como um somnâmbulo
Pelas estradas, a mêdo,
Sempre a pensar no motivo,
Por que envelheci tão cêdo.
.....

Vivi, se vida foi, sem primavera,
A sós com Deus e a lira;
Amôr, foi como se eu nunca o tivera;
Tôdo o prazer, mentira.

SIMÕES DIAS.

Ao traçar, há breves dias, o desadornado peristilo da sublimada galeria das *Peninsulares*, mal diríamos nós que cimentávamos os alicerces de uma cripta, e, á guisa oficial de certos documentos, teríamos que registar a abertura e o encerramento do precioso livro, abertura festiva, encerramento necrológico!!

Tristíssima e custosa missão a nossa, quando as artérias nos vibram descompassadas em constante crepitação articular; quando sabemos sentir, mâs não podemos descrevêr!

A morte de Simões Dias figura-se-nos a visão diabólica de um sonho infernal.

Embora alquebrado por lances vários e antigos de acerbo desgosto, e muito enojado do trato social, de

¹ Veja-se a parte necrológica das *Figuras de Gêso*, prefaciadas por nós e publicadas em 1906.

que sistematicamente se escondia, o douto sabedôr não denunciava nos estragos aparentes do seu forte organismo um termo próximo de vida.

Verdade era que o seu luminoso espírito, aos nossos olhos de amigo, há tempos a esta parte, perdêra uma determinada parcela da sua fulgurante irradiação, acorrentado á nervosidade de um labôr extraordinário e desacostumado, que o preocupava constantemente.

Longe porêr estávamos nós e muita gente de que êsse estado prenunciasse decisiva e próxima fatalidade.

Entretanto uma dilatação da aorta, provocada por má disposição orgânica, produzia, insidiosamente, havia muito, efeitos deletérios, e lançava o infortunado nas torturas incuráveis de uma agonia lenta e cruciante, que ia entregar a uma irremediavel viuvez a musa inspiradôra do grande trovadôr.

Na rua Estefânia n.º 2-A, ás 11 horas de 3 de março corrente,¹ dia borrascôso, em que a naturêza parecia insurgir-se contra o mau destino de quem tão profundamente lhe conhecêra a feição popular — Simões Dias, aos 55 anos, turvado de idéas, pois que Deus concedêra a mercê de lhe não deixar conhecêr o seu estado, exhalava o último alento, graças ao mêsmo Deus, cercado de confôrto e lágrimas.

As lágrimas do affecto formam a âmbula sagrada, onde, á despedida da terra, se devem envolvêr os corações de ouro, como o dêle.

Simões Dias morreu, como tantos homens illustres, despremiado da política, que muito lhe deve; esquecido de ingratos, que lhe sugaram o préstimo; privado de distinções cívicas e académicas, porque as não solicitou; mâs baixou ao tûmulo, querido dos bons colegas, admiradôres e amigos selectos, e se-

¹ de 1899.

guido de um clamôr de benções, que as almas juvenis dos seus discípulos, em roda do modesto catafalco, no caminho da morada fúnebre e junto da sepultura, lhe convertêram em flôres de olorosa gratidão.

A noite do lutuôso acontecimento foi pâra êles uma noite de vela, piedosa enternecedôra, ao pé do precioso cadáver do mestre, que êles cobriram inteiramente de violêtas, as flôres que melhor diziam com a simplicidade característica do meigo trovadôr das *Peninsulares*.

A' juventude encantadôra daquêlê peregrino espírito, correspondeu perfeitamente a manifestação comovedôra da mocidade escolar.

A não sêr isso, que muito é, Simões Dias acabaria a vida sem uma distinção do seu país, pois que a única mercê honorífica, que possuía, deveu-a a uma nação estranha!

Pobre amigo! desditôso companheiro do nosso modesto gabinête de estudo, nas palestras domingueiras, nas horas de lazêr! que vácuo enorme sentimos agora, ao parecêr-nos que ouvimos os lamentos soluçantes da tua musa predilecta!!

— Filha de Apolo! — tartamudeava Simões Dias em meio do seu tormentôso delírio — Filha de Apolo! é tão bonita! O' formosa filha de Apolo!

Era a sombra voejante da musa peninsular, sem dúvida, que êle via adejar-lhe em tôrno, nas escuridades do seu cérebro revôlto.

Por êsse extraordinário e fatídico motivo, devem a mocidade escolar e tôdos, que o amaram, mandar-lhe inscrevêr o seguinte epitáfio:

Aqui jaz o coração diamantino do poeta inconfundível das Peninsulares, cuja musa dilecta, divindade cândida e robusta dos campos beirões e da trova provençal, como formosa e verdadeira filha de Apolo, ungiu os lábios do grande trovadôr, na hora derra-

deira, quando êle despia o invólucro torturante da vida pâra ascendêr ás alturas rutilantes de uma gloriosa eternidade.

Se Portugal tivesse, por honra sua, um pantheão digno de tal nome, êsse letreiro seria alí gravado, em lâmina de oiro, defronte dos de Garrett e Castilho, que ainda esperam por tão simples e justa homenagem do seu degenerado país, cujo amolecimento de costumes substituiu a virilidade heroica e espartana de outros tempos.

Esquecidas ou não as cinzas do poeta genial, a sua obra florejante viverá nas lêtras pátrias, que serão talvez um dia, quem sabe? o único monumento perduravel, a memória única da nacionalidade portuguesa.